

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Priscila de Queiroz Macedo

Bibliotecas Comunitárias: agentes de resistência nas periferias

Porto Alegre
2018

Priscila de Queiroz Macedo

Bibliotecas Comunitárias: agentes de resistência nas periferias

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina BIB03345 - Pesquisa em Ciências da Informação - Turma A (2018/1) do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Ma. Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

CIP - Catalogação na Publicação

Macedo, Priscila de Queiroz

Bibliotecas Comunitárias: agentes de resistência nas periferias / Priscila de Queiroz Macedo. -- 2018.

83 f.

Orientador: Marlise Maria Giovanaz.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Bibliotecas Comunitárias. 2. Identidade Cultural. 3. Resistência. 4. Literatura Periférica. 5. Direito Humano à Leitura. I. Giovanaz, Marlise Maria, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705.

CEP: 90035-007

Tel.: (51) 3308.2856 / (51) 3308.5138

Email: dci@ufrgs.br

Priscila de Queiroz Macedo

Bibliotecas Comunitárias: agentes de resistência nas periferias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a M^a Marlise Maria Giovanaz

.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Marlise Maria Giovanaz (orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Valdir José Morigi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Me. Bianca Ramires Acosta dos Santos
Ma. em Letras - PPG em Letras - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

AGRADECIMENTOS

Percebo o quanto sou privilegiada por toda a ajuda, carinho, afeto e força que recebi de tantas pessoas que passaram pela minha vida durante os quatro anos e meio de graduação. Não foi só minha família e não foi só um amigo ou amiga, foram várias as pessoas responsáveis por eu ter chegado até aqui.

Primeiro quero agradecer aos meus pais, por todo o apoio que recebi, principalmente pela minha mãe que durante tantas manhãs deixava um pão na chapa pra mim, sempre preocupada que eu saísse sem comer. Ao meu pai que mesmo sem muito entender a minha faculdade, sem muito entender o que é UFRGS, sempre foi sincero na sua felicidade por me ver numa universidade. A minha irmã agradeço por ter sempre acreditado em mim e por me ajudar na Girassol, biblioteca que me transformou em outra graduanda.

Aos meus amigos há muitos especiais, mas quero agradecer em especial a Yasmin, uma flor que apareceu em minha vida e me apresentou o Redes de Leitura - Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre. Serei eternamente grata ao teu convite e por ter me integrado a esta Rede linda que fez a diferença naquilo que eu acredito o que é ser bibliotecária. Neste espaço mais pessoas foram importantes para minha formação: Edu, Vivi, Cami, Jânio e todos os outros que integram e lutam pelas políticas públicas de incentivo à leitura. Grata, grata à todos que me receberam de braços abertos. A confiança de vocês me abriram portas além da academia.

Às colegas de aula: Gabi, Paloma, Ana Luiza, Ana Paula, Bianka Maduell e Pri, vocês me ajudaram muito durante as aulas, vocês foram companheiras incríveis.

Sobre a Bianka, mais um agradecimento: obrigada por ter vindo falar comigo em 2015, depois da disciplina de metodologia. Aquela conversa foi o início de uma parceria e juntas conseguimos construir a primeira biblioteca comunitária do Sarandi. A gente é foda!

Ao coletivo Conceito Arte, agradeço por terem acreditado no meu potencial e por ter oportunizado um espaço na casinha (apelido carinhoso do coletivo) pra nossa querida biblioteca comunitária girassol. Biel, Lipe, Natashe, Natalie e Lelê, grata por terem me aceitado como membro do coletivo.

Dos estágios que passei, agradeço em especial ao Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul pelos dois anos de experiência que adquiri. Cheguei no TJRS graças a indicação da Fê, pessoa que se tornou uma grande amiga.

Também quero agradecer o carinho das minhas queridas Vera Regina e Ana Valquíria, chefes maravilhosas que apareceram em minha vida. Obrigada pelas risadas e pela força que vocês me deram durante as minhas crises de ansiedade, a empatia de vocês será sempre lembrada por mim.

Neste estágio agradeço muito a amizade de: Fernanda, Kamila, Ináuma, Gi, Mari, Júlia, José, Bruna, Rachel e Ederson. Amava nossos cafés, eram tantas risadas que tenho certeza que ganhamos muitos anos de vida.

Também quero agradecer aos meus outros amigos de caminhada, àqueles que conheci antes da UFRGS: Matheus, Dani Champe, Douglas, Dani, Ste, Mari Maciel, Miih, Maikon, Rafa. Cada um foi essencial por eu ter chegado até aqui. Dani Champe e Mari foram inspirações para mim, ter entrado numa universidade foi por admirá-las por toda a dedicação aos estudos.

Da mesma forma quero agradecer aos amigos que apareceram na minha fase TCC. Vocês também são especiais, obrigada por cada palavra, apoio e conversas.

Às minhas garimpeiras Tina e Muri, obrigada por serem tão presentes nessa minha vida, há mais de dez anos vocês estão comigo.

Agradeço a minha orientadora rainha Marlise Giovanaz, mulher que eu admiro muito. Quando crescer quero ser inteligente igual à ela.

Também a minha banca: Bianca Ramires por ter me ajudado muito a entender a literatura marginal e ao Valdir pelo aceite do convite.

E claro, agradecer a oportunidade de ter conseguido entrar em uma universidade federal. Com certeza a UFRGS me ressignificou em tantas coisas, hoje compreendo mais a realidade, a Priscila que entrou na UFRGS - Fabico em 2014, saiu a mesma, porém com algumas transformações.

Assim finalizo os agradecimentos ao lugar que foi responsável pela minha escolha por esta profissão que eu tanto amo: Livraria Independência. De 2010 a 2013 adquiri experiências na área do livro que eu não aprendi na academia. Cris e Mari, obrigada por todos os ensinamentos nos meus três anos de livraria. Foi meu primeiro emprego logo que saí do ensino médio e esse lugar construiu e deu vários sentidos à minha identidade, local que me ensinou muito sobre literatura.

"É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperar, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...]."

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa visa contribuir no conceito de Bibliotecas Comunitárias enquanto espaços de resistência dentro das periferias, tendo como questão: *Quais formas e caminhos as bibliotecas comunitárias podem utilizar para tornar-se referência em comunidades periféricas?* Possui como objetivos a análise da existência das bibliotecas comunitárias enquanto espaços de resistência e de fortalecimento da identidade cultural periférica. Aborda de forma específica os conceitos de biblioteca comunitária, identidade cultural e espaços de resistência; relaciona as atividades propostas por duas bibliotecas comunitárias em suas comunidades; e identifica a importância dessas bibliotecas como espaço de fortalecimento nas suas comunidades. Adota metodologia qualitativa de revisão bibliográfica, entrevista com as gestoras de cada biblioteca comunitária e observação das atividades propostas. Conclui que as bibliotecas comunitárias pesquisadas são destacadas pelas marcações de pertencimento do espaço, mostram-se capazes de fomentar a transgressão e renovação a fim de que os moradores da periferia tomem para si o desafio de reconhecer e valorizar seu corpo social.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Comunitária. Identidade Cultural. Resistência. Literatura Periférica. Direito humano à literatura.

RESUMEN

La presente investigación pretende contribuir en el concepto de Bibliotecas Comunitarias como espacios de resistencia dentro de las periferias, teniendo como cuestión: *¿Qué formas y caminos las bibliotecas comunitarias pueden utilizar para convertirse en referencia en comunidades periféricas?* Tiene como objetivos el análisis de la existencia de las bibliotecas comunitarias como espacios de resistencia y de fortalecimiento de la identidad cultural periférica. Aborda de forma específica los conceptos de biblioteca comunitaria, identidad cultural y espacios de resistencia; relaciona las actividades propuestas por dos bibliotecas comunitarias en sus comunidades; e identifica la importancia de esas bibliotecas como espacio de fortalecimiento en sus comunidades. Adopta metodología cualitativa de revisión bibliográfica, entrevista con las gestoras de cada biblioteca comunitaria y observación de las actividades propuestas. Concluye que las bibliotecas comunitarias investigadas son destacadas por las marcas de pertenencia del espacio, se muestran capaces de fomentar la transgresión y renovación a fin de que los habitantes de la periferia tomen para sí el desafío de reconocer y valorar su cuerpo social.

PALABRAS CLAVE: Biblioteca Comunitaria. Identidad Cultural. Resistencia. Literatura Periférica. Derecho humano a la literatura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias participou intensamente do Fórum Social Mundial 2018.....	14
Figura 2 - Acervo multidisciplinar.	15
Figura 3 - Exemplo de carro-biblioteca.....	21
Figura 4 - Conceito de biblioteca comunitária por Elisa Machado.....	23
Figura 5 - Controle e tratamento dos materiais bibliográficos.	25
Figura 6 - Hugo Maciel, mediador de leitura classificando livros infantis.	26
Figura 7 - Sistema de cores.	26
Figura 8 - Localização das bibliotecas comunitárias.	2630
Figura 9 - Grafite.	33
Figura 10 - Sergio Vaz	39
Figura 11 - Conceição Evaristo, escritora referência da literatura negra.....	40
Figura 12 - Conceito de leitura por Emilia Ferreira.....	45
Figura 13 - Ocupação Antônio Cândido, espaço Itaú Cultural - SP.....	46
Figura 14 - Logo biblioteca comunitária girassol.	52
Figura 18 - Mariana Gonçalves , Juliana Borges e Marcos Rolim.....	59
Figura 20 - Formação em mediação de leitura.....	62
Figura 21 - Espaço de leitura da arvoredo.	62
Figura 22 - Membros da formação em mediação de leitura.	63
Figura 24 - Mediação de leitura.....	66
Figura 25 - Debate sobre a reforma da previdência.	67
Figura 26 - Participantes do bate-papo.	68

SUMÁRIO

1 AQUI INICIA.....	12
2 AS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS - ORIGEM DE SUA EXISTÊNCIA.....	20
4 A LITERATURA E A (RE)EXISTÊNCIA - NA TOMADA DO ESPAÇO.....	37
5 QUALITATIVO - COLETANDO DADOS DA REALIDADE	48
5.1 A escolha das bibliotecas.....	49
5.3 Biblioteca Comunitária Girassol	52
5.4 Biblioteca Comunitária Do Arvoredo.....	60
6 AS VOZES QUE VEM DA MARGEM - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	65
7 O APRENDIZADO DAS PARTILHAS	72
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE A - Questões abertas para entrevista com a bibliotecária, gestora ou mediadora de leitura	80
ANEXO A - Autorização de entrevista	81
ANEXO B - Autorização de entrevista Bianka Maduell	82
ANEXO C - Autorização de entrevista Viviane Peixoto	83

1 AQUI INICIA

*"Vamos pegar nossos livros e canetas.
Eles são nossas armas mais poderosas.
Uma criança, um professor, uma caneta e um livro
podem mudar o mundo.
A educação é a única solução."*

Malala Yousafzai

Na área da Biblioteconomia a temática de bibliotecas comunitárias é ainda pouco discutida e isto provavelmente acontece pelo fato da academia reconhecer pouco a cultura da periferia, seguindo ainda um discurso mais tecnicista na graduação. Desta maneira, percebo que o conceito de biblioteca comunitária é pouco debatido e não é apresentado pela academia a existência destes ambientes como espaços de resistência do acesso à informação, cultura, leitura e literatura na periferia, esquecendo também de apresentar as bibliotecas comunitárias como uma outra alternativa de atuação do bibliotecário.

Dentro das Ciências da Informação (CI) se aborda o aspecto do profissional da informação como um mediador social (entre a informação e o cidadão) e selecionador (de um universo de discursos plurais), apresentando seu papel social, um agente que irá auxiliar a sociedade na busca de informações. Outro aspecto dentro da CI afirma o paradigma da Biblioteconomia com um enfoque mais social voltado para a biblioteca e este conceito faz com que a Biblioteconomia esteja inserida nas ciências sociais aplicadas¹, na qual reúnem campos de conhecimento interdisciplinares, voltados para os aspectos sociais das diversas realidades humanas, reunindo cursos que, embora tenham conteúdos diferentes, trazem as necessidades e as consequências de viver em sociedade.

Estas afirmações deveriam dar conta das relações da biblioteca, independente da sua tipologia, sendo um espaço de democratização da leitura, literatura, cultura e informação, utilizando-as como lugares de formação de cidadãos.

Sendo assim, por meio deste estudo, pretendo realizar uma investigação voltada aos espaços das bibliotecas comunitárias como um intermédio de pontos de

¹ Em 23 de janeiro de 2008, por meio da Portaria nº 9, o ministério da Educação (MEC), por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), estabeleceu que este grupo comporta os cursos nas áreas de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Comunicação, Desenho Industrial, Demografia, Direito, Museologia, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social. Fonte: <http://blog.unibh.br/o-que-e-realmente-estudado-na-area-de-ciencias-sociais-aplicadas/>.

resistência, visando a construção da cidadania e a transformação dos indivíduos na sociedade.

O contexto social das bibliotecas comunitárias no Brasil nasce diretamente do descaso histórico do Estado no tratamento das políticas públicas do livro, da leitura e de bibliotecas, além da distribuição desigual dos meios culturais. Isto é, membros das áreas periféricas continuam tendo uma restrição aos diversos equipamentos de cultura, tornando-se necessária a deslocação até os centros das grandes metrópoles.

Em contrapartida ao descaso do Estado, há no Brasil, um movimento influente das bibliotecas comunitárias, conhecido como: Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC²), que se faz presente nas periferias de diversas cidades do Brasil e que trabalha na luta por políticas públicas direcionadas à leitura, com um protagonismo maior na perspectiva do 'direito humano à leitura', conceito muito abordado pelo sociólogo Antonio Cândido³, ao qual Cândido enxergava a literatura como um direito básico do ser humano, assim como: saúde, moradia e segurança.

² A RNBC conta atualmente com 11 Redes Locais, e 115 Bibliotecas Comunitárias nos estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Fonte: <https://www.rnbc.org.br/p/conheca-rnbc.html>

³ Antonio Candido de Mello e Souza foi um sociólogo, crítico literário e professor universitário brasileiro. Estudioso da literatura brasileira e estrangeira, é autor de uma obra crítica extensa, respeitada nas principais universidades do Brasil. 1918-2017. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Candido.

Figura 1 - A Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias participou intensamente do Fórum Social Mundial 2018



Fonte: Biblio⁴(2018)

Dentro da Biblioteconomia, as bibliotecas comunitárias são locais criados e mantidos por iniciativa das comunidades civis, criados exclusivamente pela comunidade e para a comunidade, geralmente sem a intervenção do poder público, tendo por objetivo ampliar o acesso ao livro e à leitura. Embora Machado (2008) afirma em sua tese de doutorado que algumas podem ter vínculo com órgãos governamentais ou podem receber algum apoio de instituições da sociedade civil, ou idealizadas por organizações do Terceiro Setor que contam com leis de incentivo fiscal do Ministério da Cultura.

No que diz respeito ao acervo das bibliotecas comunitárias, este é construído de forma multidisciplinar, pois boa parte das aquisições é adquirida por doações, com a missão de ampliar o acesso da comunidade à informação e promovendo a democratização do acesso também à cultura, incentivo à educação e promoção à cidadania. Por isso que as bibliotecas comunitárias escolheram a defesa da democratização do acesso à leitura e à escrita como suas causas (MAYER, 2017).⁵

⁴ Foto da 13ª edição do Fórum Social Mundial. A RNBC participou em 2018 a fim de mostrar o trabalho das bibliotecas comunitárias como campo potente para se ampliar as articulações da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC). Foi organizada uma comitiva que esteve presente e ativa em diversas ações do evento. Fonte: <http://biblio.info/entre-a-dor-e-a-luta/>

⁵ Bel Santos Mayer é educadora social, licenciada em Ciências/Matemática, Bacharel em Turismo e tem especialização em Pedagogia Social. É coordenadora do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (Ibeac) e gestora da Rede LiteraSampa. Desde a década de 1990, apoia a criação de bibliotecas comunitárias em áreas periféricas da cidade de São Paulo. Membro do Grupo de Trabalho do Plano Municipal do Livro, da Leitura, da Literatura e da Biblioteca da São Paulo – GT PMLLLB/SP. É docente da pós-graduação: *Livros, crianças e jovens: teoria, mediação e crítica*, do Instituto Vera

Figura 2 - Acervo multidisciplinar.



Fonte: Apresentação de Power Point do grupo de pesquisa⁶: Bibliotecas Comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores, 2018.

Visto como uma prática social, as bibliotecas comunitárias se tornam um espaço de reação da própria comunidade no combate às desigualdades informacionais e culturais, sendo uma resposta ao direito humano à leitura e pertencimento do local que estes indivíduos ocupam, resgatando e reforçando a sua identidade cultural, e auxiliando na autoestima dessas pessoas, no momento que se humaniza a periferia.

Para isso, fica o questionamento: *Como as bibliotecas comunitárias podem ser espaços de resistência em comunidades periféricas?* Para isso, responder foram elaborados o objetivo geral e específicos. O objetivo geral analisa como a existência das bibliotecas comunitárias se constituem espaços de resistência e auxiliam no fortalecimento da identidade cultural periférica. Como objetivos específicos: trazer os conceitos de biblioteca comunitária, identidade cultural e espaços de resistência;

Cruz. Fonte: <http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Bibliotecas-comunitarias-resistencia-cultural-poetica-e-politica>.

⁶ Pesquisa realizada em 143 bibliotecas do Brasil, coordenada pela bibliotecária Cida Fernandes, Elisa Machado e Ester Rosa.

investigar quais são as atividades propostas por duas bibliotecas comunitárias em suas comunidades em Porto Alegre; e identificar a importância dessas bibliotecas como espaço de resistência e fortalecimento da identidade cultural nas suas comunidades.

Assim, justifico abordar esta temática de biblioteca referente à composição cultural do espaço, no que tange a importância das bibliotecas comunitárias, espaços que auxiliam na formação da identidade e da memória de uma comunidade.

O interesse pelo tema se deu pelo fato das bibliotecas comunitárias se constituírem em uma abordagem relativamente nova e pouco explorada no âmbito da Biblioteconomia e das Ciências da Informação. Isto posto, a minha escolha pela temática do presente trabalho tem como missão desenvolver uma pesquisa que apresente as bibliotecas comunitárias enquanto espaços formadores de cidadãos e de resistência ao direito humano à leitura literária. Acredito que estes ambientes sejam de extrema importância para o desenvolvimento social e cultural das periferias que normalmente têm suas identidades marginalizadas devido estarem longe dos grandes centros, uma relação de distância geográfica a partir de algum centro, reforçando assim a sua baixa autoestima.

Como sou moradora da periferia de Porto Alegre, em hipótese, sinto certo bloqueio das outras pessoas quando se fala de cultura e de espaços de democratização nas populares vilas. Atualmente, no quadro que trato aqui, a cultura é um exemplo de resistência e produções de novos sentidos políticos em países em desenvolvimento e estão incluídas no contexto de desenvolvimento, assim como a literatura que são movimentos que constroem a identidade do indivíduo.

Nesse sentido, pode-se afirmar que todas as características e estratégias das expressões artísticas vindas das periferias, estão surpreendendo com as novidades que trazem desde o início dos anos 70, quando começou a ser explorado o termo literatura marginal ou literatura periférica, e principalmente nos dias de hoje com a popularização dos SLAMs⁷. Tais movimentos existem para responder a intolerância racial e as taxas que crescem de desemprego e a falta de acesso à cultura e informação. Hall (2003) aborda o sentido de “transformação cultural” como um

⁷ Os slams são campeonatos de poesia. Normalmente, os participantes têm até três minutos para apresentarem sua performance - uma poesia de autoria própria, sem adereços ou acompanhamento musical. O texto pode ser escrito previamente, mas também pode haver improvisação. Não há regras sobre o formato da poesia. Fonte: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia>.

eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais se situam em situações de marginalização da cultura popular, sendo o povo o principal objeto de reforma, protagonista de sua memória e história.

Deixando claro que ela não é uma literatura menor e sim uma literatura densa, de qualidade e forte, trazer este título é ir contra ao conservadorismo e ao elitismo, algo que a cultura e literatura sempre esteve atrelada. Essa é uma literatura para todas as pessoas, para todos os espaços, inclusive, acadêmicos. Não é uma literatura de "coitadismo", é uma literatura de protagonismo, na mesma intenção das bibliotecas comunitárias. Trata-se dos sujeitos e não de vitimização (SANTOS, 2018).

Através de uma busca na literatura científica brasileira sobre as bibliotecas comunitárias é possível perceber a pouca produção desenvolvida. Na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) foram encontrados 65 registros, porém apenas 13 foram úteis para leitura dentro do período de 1972-2018. Já na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a busca foi refinada por data: 1989-2018; língua portuguesa; e pelas revistas: Informação e Sociedade; Revista Interamericana de Bibliotecologia e Revista Interamericana de Bibliotecología, onde foram encontrados 12 registros, porém apenas 4 foram relevantes para a temática do trabalho apresentado.

Buscando referências na temática, a pesquisadora Elisa Machado⁸, em sua tese de doutorado *As Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil*⁹(2008), a autora encontrou pontos comuns nestes processos, conceituando as bibliotecas comunitárias nos seguintes tópicos:

- a) Estão localizadas em regiões periféricas;

⁸ Possui graduação em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1980), mestrado e doutorado em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (1998 e 2008). Atuou como Diretora do Departamento de Bibliotecas Públicas da cidade de São Paulo (2001-2003) e como Coordenadora Geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) no Ministério da Cultura (2011-2015). Atualmente é Profa Associada Classe D Nível I, do Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos (DEPB) e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB), da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É líder do Grupo de Pesquisa "Bibliotecas públicas no Brasil: reflexão e prática" e do Grupo de Pesquisa "A representação descritiva no Brasil". Tem experiência na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias, políticas públicas e culturais e representação descritiva. Fonte: Lattes.

⁹ Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>.

- b) São criadas efetivamente pela e não para a comunidade;
- c) São vistas como uma forma de combate à exclusão informacional e como forma de luta pela igualdade e justiça social;
- d) A gestão é feita por lideranças com consciência crítica e política sobre o potencial transformador do acesso à informação e à leitura;
- e) Reconhecem a importância da negociação e articulação com o poder público e outras organizações e fazem isso com apoio da comunidade.

Mayer (2017) discute que as bibliotecas comunitárias no Brasil nasceram diretamente pelo descaso histórico do Estado no tratamento das políticas do livro, da leitura e de bibliotecas e à distribuição desigual dos equipamentos culturais. E que os indivíduos dessas comunidades escolheram a defesa da democratização do acesso à leitura e à escrita como suas causas. Castrillon (2011, p. 84) diz que “somente a partir de uma revalorização da palavra escrita e de sua leitura, a cidadania poderá chegar ao centro dos diferentes debates dos quais a sociedade necessita para se manter informada”.

A escrita é uma construção cultural útil para registrar e recordar experiências, acontecimentos, representações culturais, manifestar sentimentos, emoções, fantasias, para construir diferentes interpretações da realidade pessoal, social, cultural e político científica (CARVAJAL PÉREZ; RAMOS GARCIA, 2001, p. 50).

Portanto, devido a pouca produção científica na área de bibliotecas comunitárias, justifico que seja necessário ampliar os seus conceitos e importância para as comunidades ao avaliar as bibliotecas comunitárias como um espaço de resistência ao reforçar a autoestima dos cidadãos mediante ampliação da informação e conhecimento nos espaços periféricos, exaltando a identidade cultural periférica. Sendo assim, considero as bibliotecas comunitárias como uma ferramenta de fortalecimento para as comunidades e busco compreender o seu conceito político, cultural, humano, de diversidade e identidade a fim de exaltar esta importância na inovação social e do valor da informação para o desenvolvimento local.

A partir da próxima seção apresento os conceitos e um breve histórico de bibliotecas comunitárias, identidade cultural e a resistência destes espaços como

parte do fortalecimento da autoestima dos cidadãos da periferia. Baseando-se em autores latinoamericanos, como: Elisa Machado, Silvia Castrillón, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Antônio Cândido e Stuart Hall. A escolha por este segmento teórico se deu pelo fato dos países da América Latina terem o mesmo contexto social, econômico e cultural. Portanto, o presente trabalho terá seu referencial teórico dividido nas seguintes seções:

1. As bibliotecas comunitárias - origem de sua existência;
2. Identificação cultural - a cultura como ferramenta de construção da identidade;
3. (RE)existência: na tomada do espaço.

Cujas seções tem uma abordagem das Ciências Sociais e Ciências da Informação, em vista por serem áreas que se relacionam pela aproximação com as relações humanas dentro da sociedade.

2 AS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS - ORIGEM DE SUA EXISTÊNCIA

“Quando você está crescendo há dois locais institucionais que te afetam mais do que qualquer outro: a igreja, que pertence a Deus, e a biblioteca [comunitária]¹⁰, que pertence a você.”

Keith Richards

Como já mencionei na introdução deste trabalho, não existe uma gama de pesquisas na área das bibliotecas comunitárias e isto reflete diretamente no seu histórico, não havendo um detalhamento e aprofundamento teórico. Embora é possível condensar um breve histórico do surgimento destes espaços por meio da literatura científica da área, pelos principais nomes: Almeida Júnior¹¹ e Elisa Machado¹², conceituando a existência das bibliotecas comunitárias como ambientes físicos criados e mantidos por iniciativa das comunidades civis, geralmente sem a intervenção do poder público.

A ideia da biblioteca comunitária se iniciou como um serviço de extensão da biblioteca pública, com ênfase em carro-biblioteca (carros utilitários ou ônibus adaptados). Essa atividade era uma prática constante das bibliotecas públicas para atender bairros distantes e dar acesso à leitura para uma população mais carente por meio de empréstimos de livros, sob a responsabilidade de uma instituição.

¹⁰ Frase original: “Quando você está crescendo há dois locais institucionais que te afetam mais do que qualquer outro: a igreja, que pertence a Deus, e a biblioteca pública, que pertence a você.” Keith Richards

¹¹ Doutor e Mestre em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP, graduado em Biblioteconomia e Documentação pela FESPSP. Docente do Departamento de Ciência da Informação do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina. Autor dos seguintes livros: “Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Alternativas” pela Editora da UEL; “Sociedade e Biblioteconomia” pela Editora Polis; “Bibliotecas e Bibliotecários: situações insólitas” (em parceria com Justino Alves Lima) pela Editora Polis. No prelo, o livro: “Bibliotecas Públicas: avaliação de serviços” pela Editora da UEL (lançamento previsto em novembro de 2003). Fonte: <http://www.ufscar.br/~semanabci/oswald.html>.

¹² Graduada em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1980); Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (1998); Doutora em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2008). Fonte: <http://www.biblioteca.unirio.br/cchs/ppgb/docentes/elisa-machado>.

Figura 3 - Exemplo de carro-biblioteca



Fonte: Blog Inaja, 2010.

Além do carro-biblioteca, outro suporte utilizado eram as caixas-estantes, segundo Almeida Junior (1997) eram caixas com prateleiras, contendo alguns livros selecionados. Essas caixas eram encaminhadas para associações, igrejas, entidades filantrópicas e etc. Havendo também o empréstimo de livros e oportunizando a população a ter o acesso à leitura.

Por ter essa relação histórica da pública com a comunitária, se percebe ainda uma confusão destas duas bibliotecas, porém faz sentido pensando que na literatura a tipologia “biblioteca comunitária” foi mencionada a primeira vez na segunda metade do século XX.

[...] o termo biblioteca comunitária é citado pela primeira vez na literatura brasileira específica da área em 1978, ocorre no artigo de Carminda Nogueira de Castro Ferreira, cujo título é “Biblioteca pública é biblioteca escolar?”. Esse artigo, publicado em 1978 na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, abordava uma experiência americana do início do século que tentava articular e integrar bibliotecas públicas e bibliotecas escolares. (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p.94)

Por meio deste breve histórico, pode-se perceber que a biblioteca comunitária passou por uma transformação. A comunidade passou a demandar espaços de leitura, e com a ajuda das bibliotecas públicas, começou a ser possível a instalação em determinada área. Essa exigência faz parte do pressuposto da integração da comunidade junto à biblioteca, para que se torne um espaço de incentivo à leitura e acesso ao livro.

Sem vínculo direto com o Estado é criada e mantida pela comunidade local, (BRASIL, 2018). Refere-se também à descentralização, uma maneira de estar na periferia, a fim de alcançar os moradores da comunidade, embora seja uma descentralização na construção de outros centros na cidade, com o intuito da periferia se tornar centro também.

Vale lembrar que por mais que não existe um vínculo direto com o Estado, muitas bibliotecas comunitárias têm apoio de organizações do Terceiro Setor. Machado (2008, p. 150) diz que

Muitas delas são o resultado de programas idealizados por organizações do Terceiro Setor, que contam com a aprovação da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura, ou seja são espaços criados com dinheiro obtido por meio da isenção fiscal. Os recursos financeiros, que viabilizam a doação de acervos e equipamentos e a formação de pessoal, constituem dinheiro público administrado com autorização, porém sem participação do Estado.

Trazer este conceito da autora quando cita a participação do Terceiro Setor, Machado (2008) complementa e amplia o conceito de Almeida Júnior que atrelava as bibliotecas comunitárias com as bibliotecas públicas e escolares, algo que foi considerado nos últimos 10 anos que estes ambientes vêm seguindo uma linha mais autônoma, flexível e de articulação local, ampliando a atuação e inserção da sociedade.

Outro ponto leva a enxergar estes locais mais focados em atuar em ações culturais para a comunidade do que necessariamente aos serviços de organização e tratamento da informação, tornando-as assim espaços únicos e de emancipação social. Castrillon (2011, p. 36) traz “Uma formação que permita aos cidadãos agir como tais, capazes de intervir de maneira eficaz nos destinos de sua comunidade, de sua cidade, de seu país”.

Figura 4 - Conceito de biblioteca comunitária por Elisa Machado



Fonte: Apresentação Power Point, Redes de Leitura, 2017.

Indo ao encontro do que foi apontado por Elisa Machado, o maior foco são as ações culturais, porém como apresenta no capítulo 3 do livro *Prazer em Ler*, do Instituto C&A, as ações citadas acima são importantes para a organização e funcionamento do espaço.

Porém não é por ter esta particularidade com ações culturais que as bibliotecas comunitárias não pensam na organização do seu espaço e acervo. No Livro *Prazer em Ler*¹³, do Instituto C&A¹⁴, foi publicado o trabalho de 150 bibliotecas comunitárias no Brasil que fizeram parte do Programa Prazer em ler durante 10 anos (2006-2016). No livro é abordado os eixos essenciais para a construção e funcionamento das bibliotecas comunitárias:

- a) Espaço - organizado de forma a acolher o leitor;

¹³ O programa Prazer em Ler integra a política de responsabilidade social da empresa C&A. Ele foi concebido, planejado e executado pelo Instituto C&A, com a finalidade de promover a leitura no Brasil. [...] O objetivo do programa Prazer em Ler é promover a formação de leitores e desenvolver o gosto pela leitura, por meio de ações continuadas e sustentáveis e de articulações com distintos agentes envolvidos com a leitura no Brasil. O programa foi lançado em fevereiro de 2006, com o propósito de adicionar intencionalidade e metas explícitas ao trabalho de promoção da leitura já desenvolvido por alguns projetos de arte-educação e educação pelo trabalho apoiados pelo Instituto C&A. Fonte:

http://institutoce1.dominiotemporario.com/instituto/site/content/atuacao/prazeremler/sobre_o_programa/sobre_o_programa.aspx

¹⁴ Instituto corporativo que trabalha com causas sociais, em parceria com diversas instituições.

- b) Acervo - a literatura tem de ser dominante no acervo;
- c) Mediação de leitura - os responsáveis pela biblioteca apresentam um conjunto de obras literárias;
- d) Gestão - está atrelada a catalogação e classificação do acervo;
- e) Gestão compartilhada - agir e planejar coletivamente;
- f) Comunicação - ações para maior visibilidade à pauta do direito à leitura;
- g) Incidência política - engajamento em espaços e construção de políticas públicas a respeito do papel das organizações sociais.

Tais espaços possuem um acervo bibliográfico diverso e suas coleções possuem organização improvisada ou intuitiva, pois o objetivo principal desses espaços é ampliar o acesso da comunidade à leitura literária. Ou seja, práticas de classificação como Classificação Decimal Universal (CDU) ou Classificação Decimal Dewey (CDD) não são tão importantes na construção e organização desse espaço, até porque normalmente a equipe das bibliotecas são compostas por voluntários sem tanto conhecimento de como organizar um acervo utilizando as classificações usuais de uma biblioteca.

Ainda sobre organização, tal livro sugere uma catalogação por cores, Cida Fernandez, idealizadora deste método e responsável pela Comissão das Bibliotecárias da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC)¹⁵, aponta que a classificação por cores foi desenvolvida para superar as dificuldades dos mediadores de leitura que atuam nas bibliotecas e o próprio público, facilitando que tenham maior contato com os livros e que saibam mais sobre eles (INSTITUTO C&A, 2016).

¹⁵ A Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias - RNBC surgiu de um processo histórico, social, cultural e político que culminou na organização em rede de bibliotecas comunitárias em várias cidades do país. São espaços de leitura, criados e mantidos por organizações sociais e culturais em comunidades e regiões metropolitanas onde existe grande carência de atuação do Estado na garantia de direitos básicos. As bibliotecas comunitárias integrantes da RNBC passaram a atuar em rede, a partir de 2009, dentro de uma ação de apoio e incentivo à leitura: o Programa Prazer em Ler, do Instituto C&A.

Figura 5 - Controle e tratamento dos materiais bibliográficos.



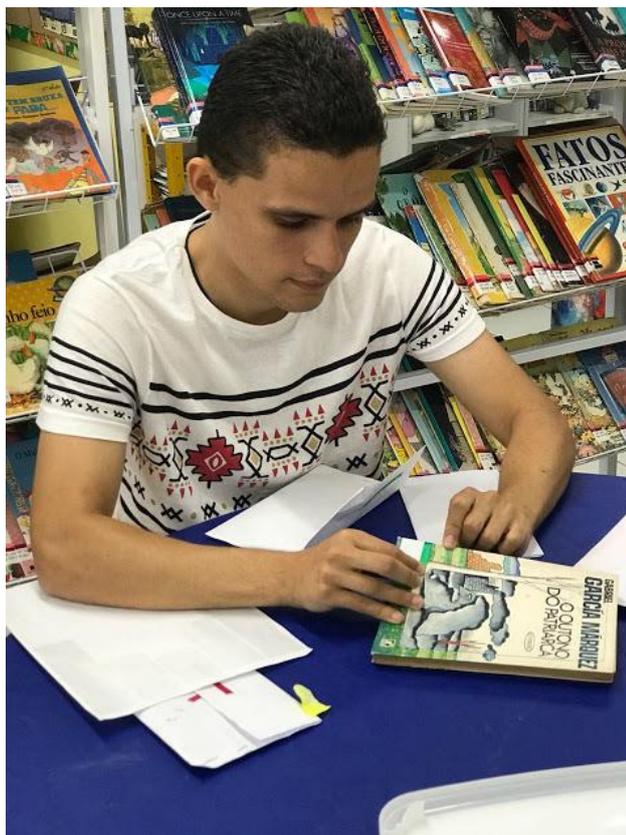
Fonte: Apresentação de Power Point do grupo de pesquisa¹⁶: Bibliotecas Comunitárias no Brasil: impactos na formação de leitores, 2018.

As bibliotecas comunitárias não necessitam de um cuidado tão tecnicista na sua organização, porém sabemos que cada espaço tem suas peculiaridades e para isso se encontra a melhor maneira para se adequar. Hugo Maciel, da Biblioteca Comunitária do Perú (Rede Releitura - PE) diz:

O sistema de classificação por cores é importante, pois possibilita ao leitor conhecer a variedade de gêneros literários que existem dentro da biblioteca, isso favorece a construção de uma identidade leitora e permite uma maior autonomia. Ao apropriar-se do sistema de classificação ele descobre os gêneros que mais lhe chamam atenção. Além disso, a classificação por cores propicia uma melhor exposição do acervo, facilitando também o trabalho do mediador quando necessita encontrar um livro. (REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, 2017)

¹⁶ Pesquisa realizada em 143 bibliotecas do Brasil, coordenada pela bibliotecária Cida Fernandes, Elisa Machado e Ester Rosa.

Figura 6 - Hugo Maciel, mediador de leitura classificando livros infantis.



Fonte: RNBC, 2017.

Figura 7 - Sistema de cores.



Fonte:Sou de Minas Uai, 2010.

Seguindo ainda na definição de bibliotecas comunitárias, vale frisar a diferença entre comunitárias e públicas.

Quadro 1 - Bibliotecas comunitárias X Bibliotecas públicas

Bibliotecas Comunitárias	Mantida pela comunidade, servindo uma população menor.
Bibliotecas Públicas	Mantidas pelo governo, servindo a uma população maior.

Fonte: Macedo, 2018.

Stumpf (1988, p.21) reforça “as bibliotecas públicas são mantidas pelo governo e servem a uma população maior, uma cidade ou estado. Já as comunitárias podem ou não ser subordinadas ao governo”.

Almeida Junior (1997), afirma que as bibliotecas comunitárias têm o dever de auxiliar na educação de seus usuários, utilizando-se de seu acervo e conhecimentos de seus membros, com o objetivo de sanar quaisquer dúvidas, desejos e necessidades educacionais. Também deve prestar serviços em lazer e cultura, disponibilizando o seu espaço para diversas atividades como cursos de teatro, fotografia e cinema, além de organizar eventos que atraiam a atenção da comunidade, para aproximá-la da biblioteca.

E segundo o Plano Municipal do Livro e Leitura de Porto Alegre (PMLL),

Uma biblioteca comunitária deve assegurar à sua comunidade atendimento diário, com horários pré estabelecidos e divulgados. No que se refere ao atendimento, a biblioteca/espaço de leitura deve ter, além do empréstimo de livros e consulta local, programação com atividades e eventos de incentivo à leitura, ao livro e a produção literária, como: seminários, rodas de leitura, concursos literários, mediações de leitura, saraus, encontros com escritor, entre outras formas de integração cultural, revelando-se como um centro de referência cultural da comunidade. (PLANO MUNICIPAL DO LIVRO E LEITURA DE PORTO ALEGRE, 2012, p.1).

Se relaciona perfeitamente com o conceito também dado por Silvia Castrillon.

Um país requer bibliotecas que possam ir mais além desse plano mínimo de trabalho. Bibliotecas que, em primeiro lugar, se convertam em meios contra a exclusão social, isto é, que se constituam em espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas (CASTRILLON, 2011, p. 36)

Seguindo tais definições, os espaços físicos de compartilhamento, troca e fluxos de informação são vistos como instrumentos de democratização e inclusão informacional, proporcionando amadurecimento das relações sociais dentro da comunidade e o crescimento pessoal dos moradores (GUEDES, 2010). Isto é, vista como um recurso educacional dentro de uma área específica geograficamente.

Para Finger (2018, p. 21) em seu Trabalho de Conclusão em Biblioteconomia, da UFRGS, afirma que “[...] o público é quem faz a biblioteca. É ele quem pede pelo espaço em sua comunidade, participa dos processos de gestão e contribui diretamente para todo o funcionamento da biblioteca.” São estes aspectos que as bibliotecas comunitárias se diferenciam das demais tipologias de bibliotecas públicas. Um sentido de maior vínculo entre biblioteca e comunidade, um momento de integração que visa a valorização da própria comunidade. Aumentando a confiança desse público e reduzindo a desigualdade social.

Na apresentação de Bel Santos no TedX ¹⁷ em São Paulo, Bel aborda muito a questão das histórias contadas nas bibliotecas pelos mediadores de leitura, ao falar sobre isso, afirma que as bibliotecas comunitárias podem ser guardiãs das histórias e também memórias de uma comunidade. Quando em um acervo existem personagens que se parecem com seus usuários, isso faz com que se acredite que suas histórias podem ser contadas.

Ao falar sobre a memória, Rafael Andrade e Hugo Maciel mostram em seu artigo *“sistematização em rede: memórias, experiências e a construção coletiva do conhecimento”* um estudo de sistematização das bibliotecas comunitárias, ao registrar as memórias destes espaços.

Sem a memória não saberíamos mensurar o caminho percorrido até aqui. Sem as lembranças nos tornaríamos reféns do agora, pouco importariam as lágrimas que regaram nossas bibliotecas e as fizeram se tornar espaços de resistência. Por isso lembramos, por isso escolhemos partilhar nossas fragilidades e medos, nossas experiências e angústias, na certeza que nossa trajetória pode inspirar e fortalecer outras bibliotecas comunitárias. (ANDRADE; MACIEL, 2018)

Essa pluralidade é forte característica das bibliotecas comunitárias brasileiras, podendo ser encontradas em centros urbanos, zonas rurais, zonas periféricas e também em zonas nobres de grandes cidades. Sua criação pode ser a partir de

¹⁷ Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=h3vDVjfzQ0g>

iniciativas individuais, coletivas, principalmente por jovens da comunidade, caso do Coletivo Conceito Arte/Biblioteca Comunitária Girassol, ou até mesmo, coletivas externas à comunidade, como instituições religiosas, caso da Biblioteca Comunitária Arvoredo, ou ONGs e projetos sociais como a ONG Cirandar de Porto Alegre. Porém vale destacar uma outra característica das bibliotecas comunitárias “[...] é que elas são a cara da sua comunidade. Seus espaços dialogam com a cultura local, são geridas pelos moradores e recebem doações da comunidade” (CANÔNICA, 2016).

Figura 8 - Localização das bibliotecas comunitárias.



Fonte: Biblio, 2018.

Conforme tais características, segundo a notícia no site Biblio (2018) o levantamento do grupo de pesquisa da RNBC, resultou uma amostra de 143 bibliotecas, sendo que 92 dessas são integrantes da Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), o resultado mostrou que, a maioria das bibliotecas comunitárias são criadas e mantidas pela sociedade civil, com o intuito de ampliar o acesso ao livro e à leitura em determinada comunidade, seus frequentadores participam ativamente nos processos de gestão e planejamento das ações e esse estudo mostrou que 86,7% dessas bibliotecas estão localizadas em zonas periféricas de áreas urbanas em regiões de elevados índices de pobreza, violência e exclusão de serviços públicos. Tal estudo ainda não foi publicado, mas será lançado

em 2019 em formato de *e-book* titulado “*Bibliotecas Comunitárias no Brasil: Impacto na formação de leitores*”.

Apesar dessa pluralidade, todos esses espaços atuam na democratização do acesso ao livro e no incentivo à leitura, promovendo ações que valorizem o livro e a literatura, articulando outras expressões artísticas.

[...] a concepção da mediação de leitura na biblioteca comunitária tem o objetivo de formação do leitor literário. Utiliza-se apenas o livro para o momento da mediação, a leitura é com as palavras exatas do escritor, sem mudanças de voz, por este motivo a seleção do autor é muito importante. É preciso que tenha elementos linguísticos onde a criança consiga criar uma linha no imaginário de tempo e espaço da história. A escolha do ilustrador também é fundamental para que o leitor possa viajar no mundo imaginário da história. Pra isso nós utilizamos a ilustração do autor, em contrapartida a objetos, como bonecos e fantoches, que tenham outras referências. Na biblioteca comunitária o livro é o protagonista da mediação e não tem o objetivo de apenas entreter e sim de levar o leitor para o imaginário da história (TRESSINO, 2017, apud FINGER, 2018, p. 25).

As bibliotecas comunitárias têm como objetivo a valorização do livro como um objeto. Sejam oficinas de diversos temas como escrita criativa, exibição de filmes ou um bate-papo sobre determinado tema, todas as ações têm como protagonistas o livro e a comunidade em que a biblioteca está inserida, tendo sempre “[...] um caráter educacional e cultural [...]” (MACHADO, 2008). A biblioteca comunitária, de acordo com seus serviços, não difere muito de outras tipologias de bibliotecas públicas. Castrillon (2011) percebe que as bibliotecas, independente da sua tipologia, são elas meios para a democratização do acesso. Elas são construídas a partir de projetos das próprias comunidades, convertendo em verdadeiras ferramentas de acesso a leitura letrada e que o papel da comunidade significa chegar a toda uma população, de maneira inclusiva. Um espaço significativo com a leitura, sem o caráter recreativo de tarefas e pesquisas escolares.

Além do mais, as bibliotecas comunitárias não trabalham apenas o acesso à leitura letrada, mas elas trabalham com diversas linguagens, reconhecendo que não existe apenas uma prática de leitura, mas que existem múltiplas práticas, diferentes maneiras de ler, assim como Freire (1989) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Isto porque aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é aprender a ler o mundo, uma relação dinâmica que vincula linguagem e realidade.

Visto nesta seção um breve histórico das bibliotecas comunitárias e conceitos fundamentais destes locais essenciais para a democratização do acesso à leitura, informação e cultura, a próxima seção irá abordar o conceito de identidade cultural, algo presente nas bibliotecas comunitárias e tão importante para a construção da identidade dos usuários que frequentam estes espaços. É através da identidade cultural que existe a valorização da própria comunidade e aumento da confiança desse público. Esta é uma ferramenta importantíssima que transforma a biblioteca comunitária como um espaço de resistência.

3 IDENTIFICAÇÃO CULTURAL - A CULTURA COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

*Sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe,
a sociedade, por mais perfeita que seja,
não passa de uma selva.
É por isso que toda a criação autêntica
é um dom para o futuro.*

Albert Camus

De forma simplista, identidade “é o reconhecimento de que o indivíduo é o próprio. É o conjunto de caracteres particulares, que identificam uma pessoa, como nome, data de nascimento, sexo, filiação, impressão digital, etc.” (SIGNIFICADO, 2018). Porém vale aperfeiçoar este conceito com a literatura psicanalítica de Michael Pollak quando afirma que a identidade é

imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo de sua vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, por acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Com estas duas definições introdutórias, podemos perceber e começar a abordar o conceito de identidade cultural na qual “inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano, como também por fazer parte de uma sociedade da qual é membro.” (SIGNIFICADO, 2018).

Por meio destas particularidades, a identidade cultural é o sentimento de identificação de um grupo, cultura ou indivíduo, na medida em que este é influenciado pela cultura do grupo a que pertence. Para Gondar (2016) a forma de pensar as identidades para além das fronteiras que as preservam, o descentralizar da cultura, das artes e da leitura é a maneira de fortalecer a cultura existente no bairro, na busca das diversas linguagens, sempre encontrando-se assim como as raízes de uma árvore. Tal afirmação vai ao encontro da produção de Glissant (2005, p. 71) quando diz que a identidade rizoma dá conta da relação entre raízes e com outras raízes, a fim de fortalecer a memória social do espaço, pensando na relação

dos sujeitos na tentativa de rearticular suas identidades que antes estavam deslocadas.

Figura 98 - Grafite¹⁸.



Fonte: Macedo, 2018.

A identidade cultural é um conceito aplicado nas áreas da sociologia e antropologia, que indica a cultura em que o indivíduo está inserido, a que ele compartilha com outros membros do grupo, sejam tradições, crenças, preferências, dentre outros. Tal característica está associada, na medida em que as sociedades modernas se tornaram mais complexas, no momento que se parou de olhar apenas para o indivíduo e mais para o coletivo, pois as sociedades começaram a se estruturar conforme o surgimento das novas ciências sociais que começaram a enxergar os sujeitos mais sociais e coletivos. Para Hall (2015, p. 20)

as sociedades modernas se tornavam mais complexas, elas adquiriam uma forma mais coletiva e social. As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimentos

¹⁸ Grafite localizado em Porto Alegre - RS, Pão dos Pobres, Av. Praia de Belas, esquina com a Rua da República.

individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do Estado-nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna.

É possível ver que a cultura faz com que o sujeito sinta a necessidade de complementar as limitações da natureza, no sentido de superar-se à medida que acompanha as transformações sociais e políticas (SILVA JÚNIOR, 2008).

Seguindo no viés da cultura, a identidade para a sociologia é o compartilhar de várias ideias e ideais de um determinado grupo. Uma pessoa não forma sua identidade sem influência do meio social que a cerca da mesma forma que o grupo social está suscetível a mudanças geradas devido a essas pessoas.

Hall (2000) traz um enfoque da raiz etimológica e do termo, que se refere às características que são inerentes ao indivíduo, aquilo que permanece. Atualmente, se tem uma visão menos essencialista do termo e já se admite que também fazem parte da identidade as características que se sobrepõem e permanecem, mantendo um percurso existencial que prevê mudanças constantes.

Têm-se delineado, em suma, no contexto da crítica antiessencialista das concepções étnicas, raciais e nacionais da identidade cultural e da “política da localização”, algumas das concepções teóricas mais imaginativas e radicais sobre a questão da subjetividade e da identidade. Quem precisa da identidade? (HALL, 2000).

Fazendo um gancho com esta pergunta de Hall, a identidade é necessária para diversos povos, pois por meio dela somos capazes de identificar nossa história e memória, visando a cultura como uma segurança para a nossa identidade ao fazer com que o indivíduo se sinta parte do seu espaço que ocupa na sociedade, ao permitir que a cultura não exclua a sua representatividade.

Para isso, é necessário que a identidade cultural seja sempre autocrítica diante de um sistema capitalista selvagem que normalmente se apropria de culturas marginalizadas para um bem de consumo e lucro para uma parcela da sociedade, tirando daqueles que necessitam dela para se sentirem parte do seu corpo social.

Sua capacidade de agregar as ações aponta para o perigo de se pensar cultura no campo das ciências humanas, sociais e das artes tornando-a restrita a uma parte da população. Para Eagleton, a cultura sobreviverá se não perder sua capacidade crítica e a especificidade de dialogar com a produção de bens materiais de forma consciente. (SILVA JÚNIOR, 2008, p. 175)

O próprio Stuart Hall afirma que “O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo” (HALL, 2003, p. 247). Por isso não tem como não falar de resistência e luta sobre cultura “popular” que é presente na periferia das grandes cidades, pois o capital quando domina determinadas culturas, naturalmente se apropria e expropria, assim como acontece com o samba e com a cultura africana num todo, no momento que uma indústria monta personagens fora da vivência relacionada na música ou nas roupas, e até mesmo na literatura.

Vale deixar claro que o problema está na massa de cultura e não no indivíduo, como afirma Djamila Ribeiro na sua publicação na Revistas AzMina¹⁹, “Apropriação cultural é um problema do sistema, não de indivíduos” (RIBEIRO, 2016). Associando assim que a representação é procurar a si mesmo e à sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, na força da representação, no ato comunicativo e comunitário, a fim de resgatar e reforçar é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio. Esse resgate, entretanto, é um ato conflitivo, porque significa incorporar novos valores àqueles tradicionais, porém se percebe que essa renovação, enriquece a identidade cultural da comunidade, atestando o caráter na construção da cultura (FERREIRA, 2006).

A crítica possibilita um processo de diferenciação e mudança no peso relativo que os elementos das velhas ideologias possuíam. O que antes era secundário e subordinado, até acidental, é agora considerado primário - torna-se o núcleo de um novo complexo ideológico e teórico (GRAMSCI apud HALL, 2003, p. 260)²⁰.

A indagação recorre um processo de trazer as lutas populares para nosso cotidiano, ao mostrar que não se pode esquecer daqueles que fazem parte de determinadas culturas, existe a liberdade e o direito de gostar, admirar e até querer

¹⁹ A Revista AzMina é uma publicação online e gratuita para mulheres de A a Z. Disponível em: <http://azmina.com.br/>

²⁰ NOWELL-SMITH, G. Gramsci and the National-popular. *Screen Education*, Spring, 1977.

usar, mas não podemos esquecer que na identificação cultural está toda uma história e memória, que muitas vezes é coletiva de determinados grupos.

Desse modo, antes de começar a próxima seção que tratará sobre a (re)tomada de espaços, foi importante refletir inicialmente sobre o conceito de identidade cultural, por estar diretamente atrelada ao espaço das bibliotecas comunitárias, local onde ocorre a valorização da cultura, por meio de ações culturais. Através desse estudo, vamos ver que é na biblioteca comunitária que acontece o reconhecimento da própria cultura local, se configurando em um ambiente que auxilia no resgate e reforço de uma comunidade.

4 A LITERATURA E A (RE)EXISTÊNCIA - NA TOMADA DO ESPAÇO

*"Esses dias tinha um moleque na quebrada
com uma arma de quase 400 páginas na mão.
Uma minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.
Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o
zóio vermelho de tanto ler no ônibus.
Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas.
Depois saíram vomitando versos na calçada.
O tráfico de informação não para,
uns estão saindo algemado aos diplomas depois de
experimentarem umas pílulas de sabedoria.
As famílias, coniventes, estão em êxtase.
Esses vidas mansas estão esvaziando as
cadeias e desempregando os Datenas.
A Vida não é mesmo loka?"*

Sergio Vaz

Localizadas nas periferias das grandes cidades²¹, as bibliotecas comunitárias resistem ao avanço da tecnologia e atuam onde as políticas educacionais e sociais não atendem às necessidades da população. Para além do incentivo à leitura e as artes de modo geral, esses espaços funcionam, muitas vezes, como mediadores de conflitos familiares e, aos poucos, transformam a realidade de crianças, jovens e adultos. As bibliotecas comunitárias têm como combustível o voluntariado e muitas se mantêm por meio de doações ou parcerias com órgãos públicos ou empresas privadas.

Um país requer bibliotecas que possam ir mais além desse plano mínimo de trabalho. Bibliotecas que, em primeiro lugar, se convertam em meios contra a exclusão social, isto é, que se constituam em espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, leitores e não leitores, escolares e não escolares, encontrem respostas a seus problemas e interesses e lhes sejam abertas novas perspectivas (CASTRILLÓN, 2009).

Para mim, a identidade cultural das pessoas que vivem nas periferias tem muito a dizer sobre a resistência delas em meio a marginalização de suas culturas, pois a periferia quer destacar aquilo que é seu, a sua representação, pelas marcações do que é próprio da relação com o lugar, com o corpo e com a

²¹ Ver figura 8.

linguagem, com o objetivo de realizar a inclusão social de parcelas significativas, capaz de fomentar a transgressão e renovação, fazendo com que os moradores da periferia tomem para si o desafio de reconhecer e valorizar seu patrimônio, ainda que ele não esteja dentro das redes de significação social, da mídia e do mercado (OLIVEIRA, 2008, p. 118).

Embora, se formos pensar em marginalização, este termo de certa forma não é tão negativo para quem vive na periferia, pois viver marginalizado é viver às margens dos centros, é simplesmente a realidade de quem já vive na periferia - às margens da sociedade.

Uma forma de falar das bibliotecas comunitárias como um espaço de resistência, foi através da literatura periférica presente no acervo dessas bibliotecas, cuja literatura se aproxima da realidade vivida pelos moradores das periferias. Acredito que seja importante trazer um pouco sobre a literatura marginal/literatura periférica, pois este protagonismo vai na mesma intenção das bibliotecas comunitárias.

O motivo é que, atualmente, tem-se abordado muito a Literatura Marginal, que vem apresentando diversos autores como: Ferréz, Sergio Vaz, Sacolinha, Alan da Rosa, Conceição Evaristo, Jeferson Tenório, Dinha e Rose da Coperifa, entre outros.

Figura 90 - Sergio Vaz



Fonte: Homoliteratus, [201-].

De 70 para 90, o conceito de marginalidade na literatura migrou, num primeiro momento, das *condições de produção* do autor para sua *condição social*. Assim, “marginal” deixa de ser aquele autor que – alijado dos meios de produção e veiculação de sua produção literária – buscava suportes e instrumentos de divulgação alternativos para tornar-se uma marca daqueles que vivem um processo de exclusão social, uma exclusão que se dá por meio de sua *desterritorização* (trata-se de autores excluídos das regiões centrais das grandes cidades, passando a viver em favelas e bairros periféricos) e sua *desidentificação* (já que são, não raras vezes, figuras que experienciam um processo violento de perda de sua identidade). (SILVA, 2018, [s.p])

Ainda assim, Silva (2018) afirma a literatura marginal como uma espécie de rede literária que engloba várias esferas de manifestações estéticas singulares, juntando também a literatura negra, historicamente excluídas do cânone literário.

Figura 10 - Conceição Evaristo, escritora referência da literatura negra.



Fonte: Folha de São Paulo, 2017.

Já nos anos 90 Ferréz (2004 apud NASCIMENTO, 2006, p. 15) traz novamente a nomenclatura marginal.

Quando eu lancei o *Capão Pecado* me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda e eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Os outros escritores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era literatura marginal.

Nesse tipo de literatura, por meio de sua escrita, os autores das obras são marginalizados por uma sociedade que não lhes dá ouvidos ou voz para falar e, encontraram na forma de escrever, um modo de mostrar sua revolta e busca por reconhecimento social e racial, dando voz e protagonismo aos usuários que frequentam as bibliotecas comunitárias. *“Aprender a escrever implica apropriar-se das palavras e das ideias de outros, encontrar voz própria e fazer-se escutar em*

*conversações sociais que só ocorrem fora do espaço íntimo do indivíduo e de sua família.”*²²

Os textos têm uma linguagem coloquial, com um apelo mais visual, ou seja, com desenhos, fotos nos livros, mostrando as realidades e ideias, além de usar o grafite, que também é uma forma de protesto, há também recorrência de gírias do *hip hop* e das periferias, uso de palavrão, utilização da linguagem das periferias urbanas com construções escritas que destoam à norma culta, a própria língua como um agente social. Eble e Lamar (2015) trazem a literatura marginal/periférica compreendida como leituras de culturas híbridas que não verticalizam culturas, representando a identidade cultural periférica sem hierarquias.

A língua não sendo apenas um sistema individual, mas social, ativando a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2015). Santos (2017, p. 92)

A presença dos livros, dos estudos e das várias atividades organizadas pelo movimento hip-hop, constitui-se em práticas educativas e na formação de seres humanos conscientes de sua humanidade, identidade e necessidade de melhorias das condições de vida da população de periferia no momento que foge da formalidade, quando o espaço oferece um lugar que todos possam partilhar seus conhecimentos, quando há a escutatória.

Ao encontro da luta e da resistência como mecanismos de transformações na sociedade por intermédio da cultura popular, podemos parafrasear Stuart Hall, dentro da definição de identidade cultural por meio da literatura marginal ao dizer que “[...] as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas” (HALL, 2003, p. 248), situando no centro da cultura popular, no movimento de conter e resistir, pois esta luta popular assume diversas formas como: “incorporação, distorção, resistência, negociação, recuperação” (HALL, 2003, p. 259). Ainda citando Hall (2003, p. 263) “A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência.”

²² Fala do pesquisador mexicano Gregorio Hernández, durante o Seminário Internacional celebrado durante a XXIV Feira do Livro Infantil e Juvenil. Fonte: CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 100p.

A resistência para quem vive na periferia é uma chave de transformação de um processo de moralização e reeducação, é a interação/inserção entre o “eu” e a sociedade, fazendo com que os sujeitos que leem este tipo de literatura tenham suas identidades reforçadas, tornando-se protagonista ao serem representados.

Esta é uma literatura que pode e deve estar em outros lugares, não só na periferia, como na academia também. Porém vale lembrar que é preciso uma certa precaução no entendimento do pertencimento da literatura marginal nas comunidades, para que não exista uma gentrificação desta literatura, ao descentralizar a produção dos indivíduos periféricos, fazendo com que sua identidade cultural seja deslocada e fragmentada. Sergio Vaz²³ tem em seu discurso que o centro está em nós mesmos, nós que fazemos a centralização do que é nosso e no momento que a própria periferia está fazendo arte e literatura, ela não está apenas descentralizando, mas centralizando a sua cultura para perto de quem vive longe das áreas centrais das cidades. Como diz Sergio Vaz *“Para nós a periferia é um país”*.

E por meio desta pesquisa é isso que pretendo reforçar. Acredito que ter no acervo essa literatura, dá às pessoas da periferia não só o direito à leitura, mas também o direito à escrita e também a possibilidade de conhecer ou conviver com o próprio escritor, fatores que tornam mais fáceis intensificar o pertencimento diante do local que estão ocupando.

Entretanto sabemos que literatura clássica e contemporânea precisam andar juntas de forma simultânea, assim como falou Silvio de Almeida (2018) no XII Seminário Prazer em Ler: Bibliotecas Comunitárias na Promoção do Direito Humano à Leitura²⁴ ler os clássicos para entender a tradição e poder avançar as críticas que é entender os limites da tradição, funcionando como uma arma de defesa. Além disso, para ele pensar e escrever é um ato revolucionário. Quem escreve e lê aquilo

²³ Fundou em 2000 a Cooperativa Cultural da Periferia (Cooperifa). Também foi o criador do Sarau da Cooperifa, que semanalmente reúne cerca de 400 pessoas no Jardim Guarujá para ler e criar poesia. Promoveu em 2007 a Semana de Arte Moderna da Periferia, inspirada na Semana de Arte Moderna de 1922. Criou outros eventos, como a Chuva de Livros; o Poesia no Ar, em que papéis com versos são amarrados a balões de gás e soltos no ar; e o Ajoelhaço, em que homens se ajoelham na rua para pedir perdão às mulheres no Dia Internacional da Mulher. Foi escolhido pela revista Época um dos 100 brasileiros mais influentes de 2009. Foi homenageado pela escola de samba Imperatriz do Samba, do primeiro grupo de Taboão da Serra, que apresentou o enredo Sergio Vaz, o poeta da periferia. Fonte: <http://literaturaperiferia.blogspot.com/2014/10/biografia-sergio-vaz.html>.

²⁴ Disponível em: https://www.rnbc.org.br/2018/09/xii-seminario-prazer-em-ler-bibliotecas_6.html.

que é escrito está se posicionando num mundo em crise econômica e institucional. Por isso a leitura é importante, isso é o direito humano à leitura, a possibilidade de existir e projetar um futuro renovado²⁵.

Isto faz lembrar que, envolvendo o problema da desigualdade social e econômica, está o problema da intercomunicação dos níveis culturais. Nas sociedades que procuram estabelecer regimes igualitários, o pressuposto é que todos devem ter a possibilidade de passar dos níveis populares para os níveis eruditos como consequência normal da transformação de estrutura, prevendo-se a elevação sensível da capacidade de cada um graças à aquisição cada vez maior de conhecimentos e experiências. Nas sociedades que mantêm a desigualdade como norma, e é o caso da nossa, podem ocorrer movimentos e medidas, de caráter público ou privado, para diminuir o abismo entre os níveis e fazer chegar ao povo os produtos eruditos. Mas, repito, tanto num caso quanto no outro está implícita como questão maior a correlação dos níveis. E aí a experiência mostra que o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não a incapacidade (CANDIDO, p. xx, 1995).

Silvia Castrillon (2011) parte do pressuposto de que ler e escrever é um direito dos cidadãos, implicando em um dever e compromisso de muitos. E no momento que existe a democratização do acesso à biblioteca, leitura, literatura e cultura é este o compromisso que Silvia Castrillon afirma, indo ao encontro com Francisco Carvajal Pérez e Joaquín Ramos Garcia, “A leitura e a escrita, assim como o restante das mediações simbólicas, são ferramentas socioculturais que, além de permitir acesso à cultura, também favorecem a recriação cultural” (CARVAJAL PÉREZ; RAMOS GARCIA, p. 50).

Entretanto, para que haja uma democratização da cultura letrada, que é uma missão das bibliotecas, porém de maior luta entre as bibliotecas comunitárias, a necessidade de democratização depende de diversos setores excluídos - além da leitura, a cultura e economia - no momento que se apropria destes outros setores, é possível pensar na leitura como um direito e benefício de todos, podendo pensar em uma democratização da cultura letrada.

Para isso é preciso que as bibliotecas comunitárias se comprometam com um objetivo social, político e cultural, para construir um acesso democrático aos diversos meios de informação e cultura. Castrillón (2011, p. 26) “[...] universalizar o acesso à

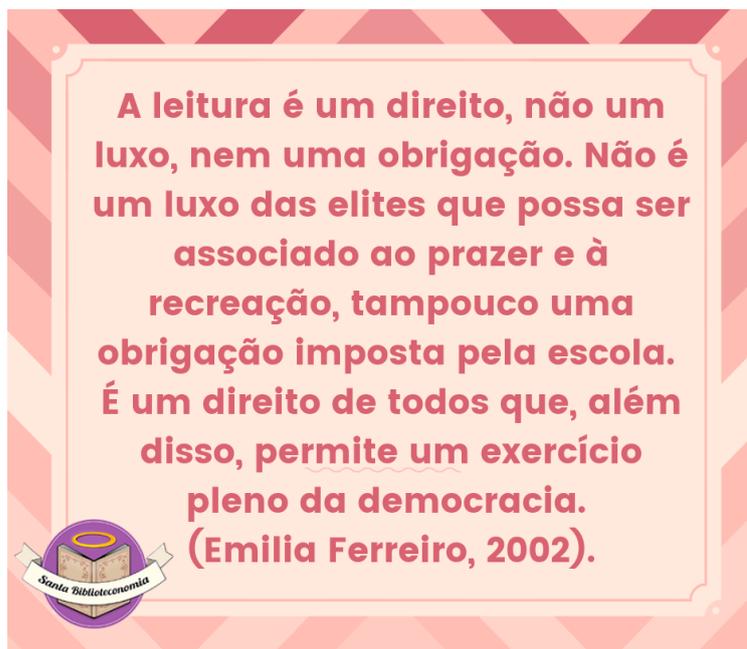
²⁵ Mesa de debates do XII seminário Prazer em Ler. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hbneFlaKwKg&t=2694s>

cultura letrada são necessárias mudanças de ordem econômica, política e social que garantem maior igualdade na distribuição da riqueza.” Mudanças que dão sentido real à luta contra as desigualdades no momento que se pensa em maneiras de democratizar o acesso à cultura letrada, significando chegar a toda uma população e não de maneira exclusiva, por isso uma igualitária distribuição de riqueza desmistifica a ideia de luxo que a leitura ainda é associada a elite, isto porque historicamente a leitura foi um instrumento de poder e exclusão social em diferentes épocas.

Parto da convicção de que a leitura não é boa nem ruim em si mesma, de que ela é um direito histórico e cultural e, portanto, político, que deve situar-se no contexto em que ocorre. Historicamente a leitura tem sido um instrumento de poder e de exclusão social: primeira nas mãos da Igreja, que garantia para si, por meio do controle dos textos sagrados, o controle da palavra divina; em seguida, pelos governos aristocráticos e pelos poderes políticos e, atualmente, por interesses econômicos que dela tentam se beneficiar (CASTRILLON, 2011, p. 16).

Partindo que as exclusões que ocorreram na história tem sido um dos fatores que ainda reflete na desigualdade social e para isso as bibliotecas devem ser construídas a partir de projetos das próprias comunidades, convertendo como um mecanismo de acesso à informação, cultura e leitura. “*A leitura não é um direito, não é um luxo, nem uma obrigação*”, já dizia Emília Ferreiro.

Figura 11 - Conceito de leitura por Emilia Ferreira



Fonte: Santa biblioteconomia, Facebook, 2017.

Um dos problemas fundamentais reside no fato de que a leitura tem sido promovida como algo de que se pode facilmente prescindir, como um luxo de elites que se deseja expandir, como leitura “recreativa” e, portanto supérflua (CASTRILLON, 2011, p. 54). E para que as bibliotecas se assumam como espaços de resistência, elas devem se comprometer de forma política, social e cultural, agindo de forma que mostre a população que a leitura é um direito humano e não algo associado apenas à elite, principalmente reforçar a leitura literária enquanto direito de todas e todos.

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estados de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CÂNDIDO, 1995, p. 33).

Figura 123 - Ocupação Antônio Cândido, espaço Itaú Cultural - SP.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos.

“O Direito à Literatura”

Antonio Candido, 1988

Fonte: Macedo, 2018.

A imagem acima foi dita quando Antonio Cândido comparou os bens fundamentais como casa, comida, saúde e educação, problematizando o privilégio de uns ao desmerecer para os outros. Cândido (1988) questionava se o pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? O esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante. Podemos perceber nessa problemática que a população ainda não associa a cultura e literatura como um bem fundamental para todos, esquecendo que estes mecanismos são importantes para construir a identidade do indivíduo e que todos os direitos estão interligados.

No momento que a comunidade enxerga esse direito, a leitura pode se transformar em uma arma contra a desigualdade. Ela pode não garantir a democracia de forma integral, mas não tê-la a impede ou retarda o processo de democracia. É uma ferramenta extremamente útil na transformação social,

principalmente a leitura literária, segundo Castrillon (2011) tem profundo sentido e valor, e que não pode ser visto apenas como um lazer passivo.

Portanto, é importante perceber as diferentes literaturas como um direito humano fundamental na tomada e retomada de espaços, da mesma forma que a literatura marginal é um grito diante à sociedade, no momento que a periferia se mostra para os outros centros, trazer os clássicos é um importante armamento ou escudo na periferia, porque normalmente a literatura clássica sempre esteve atrelada às elites e contrapor as duas literaturas nas periferias é fundamental para o empoderamento dos cidadãos. Além de ser um forma de transformar as bibliotecas comunitárias enquanto um espaço de resistência.

5 QUALITATIVO - COLETANDO DADOS DA REALIDADE

*"Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.
Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro.
Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando.
Ensino porque busco, porque indaguei,
porque indago e me indago.
Pesquisa para constatar, constatando, intervenho,
intervindo educo e me educo.
Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço
e comunicar ou anunciar a novidade."*

Paulo Freire

Conforme a abordagem do problema, a metodologia caracteriza-se por ser qualitativa, devido a pesquisa ter um caráter social. Seguindo os tópicos apresentados por Flick, von Kardorff e Steinke (2000), eles apresentam quatro bases teóricas da pesquisa qualitativa que são:

- a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados;
- b) a ênfase no caráter processual e na reflexão;
- c) as condições "objetivas" de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos;
- d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa. (apud GÜNTHER, 2006, p. 202).

Apontam de maneira mais compreensível as relações complexas da sociedade, explicando com um maior aprofundamento teórico, ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis. A pesquisa qualitativa se vale de diversas abordagens, sendo os dados não métricos o principal escopo deste tipo de estudo, pois "[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais" (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32).

A metodologia aplicada neste trabalho refere-se a uma abordagem que tem a intenção de possibilitar o aprofundamento em determinado tema: bibliotecas comunitárias agentes de resistência na periferia.

A pesquisa aqui realizada se deu de forma básica do tipo exploratória e aconteceu em 2 bibliotecas comunitárias em Porto Alegre por meio de entrevistas semi estruturadas com questões abertas. Esta pesquisa auxiliou em uma maior familiaridade com o problema do trabalho, a partir dos procedimentos técnicos da pesquisa, o estudo revela-se como uma pesquisa de levantamento, caracterizando-se pela entrevista direta com pessoas envolvidas no tema ou questionário.

Gil (2002, p.41) afirma que o planejamento de uma pesquisa exploratória é bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Portanto, este estudo representou uma investigação exploratória, que não tem intenção de criar modelos ou de atender a todas as especificidades dos diversos formatos de Bibliotecas Comunitárias. Os limites de sua realização são as fronteiras dos espaços aqui investigados e somos conscientes dos perigos das generalizações.

5.1 A escolha das bibliotecas

A escolha dos espaços foi realizada através do Redes de Leitura - Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre²⁶, rede composta por 7 bibliotecas comunitárias:

- a) Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto;
- b) Biblioteca Comunitária do Arvoredo;
- c) Biblioteca Comunitária Ceprimoteca;
- d) Biblioteca Comunitária Girassol;
- e) Biblioteca Comunitária Ilha Marginal;

²⁶ Criada em 2008, com um dos objetivos de promover a leitura e o prazer em ler, por meio do fortalecimento de bibliotecas comunitárias situadas em instituições sociais nas comunidades de Porto Alegre. Propondo a articulação de redes de apoio e incentivo oferecendo melhores condições de atendimento nas bibliotecas das comunidades e estimulando o prazer da leitura. Fonte: http://www.siseb.sp.gov.br/arqs/BBP_REDES%20DE%20LEITURA_PORTO%20ALEGRE.pdf

- f) Biblioteca Comunitária Livros sobre Trilhos;
- g) Biblioteca Comunitária Visão Periférica.

Dentre as 7 bibliotecas comunitárias da capital gaúcha, foram escolhidas duas, são elas: Biblioteca Comunitária Girassol localizada no bairro Sarandi, zona norte; e Biblioteca Comunitária Arvoredo, localizada na Vila Mapa, zona leste.

O motivo da escolha destas duas bibliotecas se deu por meio da diferença de públicos, pois acredito na importância de mostrar que a periferia nem sempre trabalha com o mesmo público, diferenciando assim sua própria autonomia. Nisso, posso exemplificar: na Biblioteca Comunitária Girassol, por fazer parte e ser gerida por um centro cultural com foco em arte de rua, seus usuários são mais jovens e do movimento *hip hop*, lidando assim com o *rap* e grafite, como focos principais. Os usuários da Girassol tem grande familiaridade pela literatura periférica e em seus saraus (atividade frequente no espaço) há sempre a figura de Sérgio Vaz nas poesias declamadas.

Já a Biblioteca Comunitária do Arvoredo lida com uma presença marcante dos idosos, pois toda semana há encontros de leitura com estes usuários; além dos idosos, existe a presença de crianças devida a parceria da biblioteca com creches na região. Outro fato que diferencia da Girassol é que a biblioteca é gerida por uma associação espírita e isto faz com que exista uma maior predominância de idosos no ambiente.

Os critérios para escolha das bibliotecas comunitárias para a pesquisa foram os seguintes:

- a. Estar localizada em regiões periféricas da cidade, não sendo centro urbano;
- b. Estar em funcionamento, realizando atividades culturais regularmente;
- c. Ter periodicidade de horários para os atendimentos;
- d. Relatar os tipos de públicos e atividades entre elas.

Desse modo, irei apresentar a coleta de dados e quais técnicas foram realizadas para a pesquisa.

5.2 Coleta de dados

A realização da coleta de dados foi trabalhada por recursos visuais como fotografias, comparativo entre as entrevistas e levantamento bibliográfico. As técnicas foram desenvolvidas a partir de três eixos principais da pesquisa exploratória:

(a) levantamento bibliográfico - fontes impressas ou eletrônicas que puderam contextualizar as bibliotecas comunitárias, sendo a busca feita por catálogos de biblioteca, base de dados e buscador da internet, dando prioridade aos autores brasileiros e latino-americanos, por se tratarem do mesmo contexto social, cultural e econômico;

(b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado - gestoras por biblioteca, para que ambas possam dizer o significado da cultura, leitura e informação das bibliotecas comunitárias. A entrevista será dada por modo virtual, utilizando questões fechadas (Apêndice A) e gravação (as mesmas perguntas do apêndice A). Posteriormente irei analisar as respostas a partir da troca de e-mail e gravação, sem a necessidade de transcrição integral. O termo de consentimento livre e esclarecido será encaminhado junto com as respostas por e-mail (Anexo A);

(c) observação participante para identificar que atividades são realizadas nas bibliotecas comunitárias com a finalidade de observar o cotidiano destes espaços e as ações realizadas pelos mediadores de leitura e pelos usuários que frequentam as bibliotecas comunitárias. Estão previstas uma visita a cada biblioteca, preferencialmente na ocasião que ocorrer alguma atividade coletiva. Por não haver entrevista com usuários, o estudo fará a análise apenas pela observação através das atividades de cada biblioteca.

5.3 Biblioteca Comunitária Girassol

*“Cuidado com os poetas!
esses caras são subversivos,
propagam indignação e desordem
se acham no direito de mudar o mundo!
Cuidado!
são bruxos e bruxas cujo ritual mais sagrado
se chama sarau
e atacam em grupo
uma superdosagem de palavras ritmadas
que atingem seu espírito
e o modificam para sempre [...]”.*

Rodrigo Moreira Campos

Figura 134 - Logo biblioteca comunitária girassol.



Fonte: FINGER; SOUZA, 2017.

A Biblioteca Comunitária Girassol foi idealizada pelo Instituto Coletivo Conceito Arte e por duas estudantes de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que atualmente também integram o Coletivo, responsabilizando-se pelas atividades relacionadas à Biblioteca. O espaço está localizado na zona norte de Porto Alegre, no bairro Sarandi, sendo organizada e gerida por moradores do bairro, porém os serviços de seleção, catalogação e classificação do acervo e organização das atividades são realizados pelas gestoras e mediadora de leitura.

Em 2017 os integrantes do coletivo começaram a pensar na construção de uma biblioteca comunitária no bairro. Para tal, ocorreu o empenho colaborativo de

todos: na montagem de estantes, arrecadação de livros, seleção e avaliação de obras literárias, catalogação e classificação do acervo. A biblioteca foi inaugurada quase seis meses depois, em 24 de junho de 2017.

Sua construção surgiu pela necessidade de uma biblioteca descentralizada pudesse proporcionar aos moradores momentos de lazer e de acesso ao livro e à leitura gratuitamente, sendo o objetivo principal estimular as crianças do bairro a terem o contato com os livros. Justificando, assim, a existência de espaços como este possam proporcionar o prazer pela cultura e a leitura, auxiliando na diminuição da criminalidade.

Figura 15 - Inauguração da Biblioteca Girassol.



Fonte: Ferraz, 2016.

Desde 2017 a Biblioteca faz parte do Redes de Leitura - Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre, no intuito de ajudar os voluntários da Biblioteca Girassol na promoção da leitura e fortalecimento do enraizamento comunitário. Através desta Rede, a biblioteca começou a receber recursos financeiros graças a aprovação do projeto Itaú Social, a fim de beneficiar as 6 bibliotecas que compõem a Rede no que tange:

- o acervo;

- recursos humano;
- oficinas;
- seminários.

Porém a biblioteca segue com seus voluntários colaborativos em seu funcionamento.

Figura 16 - Espaço da biblioteca.



Fonte: MACEDO, 2018.

Um dia na Girassol

No dia 1 de julho de 2018 às 16h, na Praça Oliveira Rolim (Praça do Cemim), na av. Toledo Piza, 54, numa tarde ensolarada, com um público aproximadamente de 65 pessoas, espalhados entre a quadra de esportes e a grama verde, estavam

presenciando o Vila Viva, evento que discutiu e problematizou a violência sofrida por jovens da periferia, principalmente negros.

Como parceiros teve o próprio coletivo conceito arte; coletivo abrigo - formado por um grupo de cristãos que discutem política públicas em pró do bem dos cidadãos; a Biblioteca Comunitária Girassol e a Escola Estadual Cristóvão Colombo.

A programação do evento estava prevista uma mediação de leitura com Viviane Peixoto do redes de Leitura - Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre; uma roda de conversa com Marcos Rolim, Mariana Gonçalves e Juliana Borges; e apresentação de grupos de *rap* da Vila Elizabeth e a presença da Negra Jaque, *rapper* da zona sul de Porto Alegre.

Às 16h começou a Mediação de Leitura por Viviane Peixoto. Ela, que estava no meio do público, composto por mais ou menos 65 pessoas, vai com seu livro "Os Dez Mil Poemas". Ela respira e com uma respiração um pouco nervosa, ela sensibiliza o público justificando a escolha do poema na qual ela estava pronta para mediar e leu o poema Quilombo do Morro Alto, de Carlos Omar Villela Gomes.

Após a leitura do Poema, Natashe Inhaquite apresentou antes da Roda de Conversa a Conceito Arte e a leitura de uma poesia de Sergio Vaz, ao abordar questões culturais da periferia, na valorização do nosso espaço público e da comunidade, ao reforçar a periferia como centro também.

Às 16:30 iniciou a roda de conversa, começando com a fala de Juliana Borges. A autora do livro "O que é encarceramento em massa?"²⁷. Ela foi apresentada por Cleo, o mediador da roda de conversa. Na apresentação o público olha atento e ficam surpresos ao perceber que Juliana veio de São Paulo até o Sarandi, exclusivamente para o debate. Nas falas de Juliana, ela abordou primeiramente sobre o genocídio negro, encarceramento em massa e sistema penitenciário. Apresenta seu livro "O que é encarceramento em massa?" e seguiu com as seguintes abordagens: Pirâmide salarial do Brasil, ao apresentar os menores salários e bens de consumo ainda são dos povos negros, um sistema de castas

²⁷ "O livro "O que é encarceramento em massa?", da série Feminismos Plurais, tem a intenção de introduzir e estimular homens e mulheres sobre uma pauta que tem cada dia mais ganhado centralidade na luta antirracista. Em um primeiro momento, pode parecer estranho linkar feminismo negro e encarceramento em massa como pautas que se encontram e interseccionam. Infelizmente, nossa realidade tem trazido à tona que o reordenamento sistêmico para manter desigualdades baseadas em hierarquias raciais tem operado suas engrenagens na interseccionalidade cada vez mais profunda das opressões racista, machista e classista. Entre 2006 e 2014, a população feminina nos presídios aumentou em 567,4%, nos colocando no ranking dos países que mais encarceram no mundo, ficando no 5º lugar. 67% destas mulheres são negras e 50% são jovens." BORGES, Juliana. O que é encarceramento em massa? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

raciais; violência racial é estrutural de nossa sociedade, reflexo da mente colonizada; lei criminal durante a colonização era aplicada de forma distinta entre negros e brancos e dessa forma 11 pessoas morreram no Brasil por pena de morte, 6 eram negras, um dado estatístico; justiça no Brasil não garante direitos, é uma engrenagem para garantir controle social e racial de uma determinada população do Brasil; o encarceramento está diretamente ligado ao homem, jovem e negro. Na questão de gênero, a mulher está ligada ao pequeno tráfico e boa parte entraram neste crime por falta de emprego e não diretamente ao marido, normalmente romantizado; e que o Brasil foi fundado na violência pelo genocídio da população indígena.

Logo após às falas de Juliana, Cleo o mediador apresenta Marcos Rolim. Ele falou rapidamente sobre o genocídio indígena e lançou de forma filosófica uma frase que desenha a estrutura do Brasil: *“o Brasil tem pai e mãe, como pai o genocídio indígena e a mãe a escravidão”*; as suas outras falas foram voltadas à violência, trazendo conceitos relativos ao contexto social de cada país, em alguns países muçulmanos a pena de morte mulheres são punidas por adultério, sendo um crime ligado apenas a mulher. Somália enterra mulheres vivas, países árabes mulheres são apedrejadas. No Brasil, nosso sistema prisional não pune o adultério, para outros países isso é errado, enquanto no Brasil é errado punir por adultério. *“O que é violência afinal?”*; destacou um ponto sobre políticas públicas ao pensar sobre violência e o que fazer? A política criminal praticada no Brasil apenas se estrutura leis criminais que aposta no encarceramento, uma maneira única de acabar com a violência; abolicionismo criminal abordado pela Juliana Borges, Marcos Rolim afirma que não entra como política pública, sendo algo mais utópico e neste momento Juliana apenas observa, mas não discorda e nem concorda com Rolim; não é só o capitalismo que prende, mas o socialismo também e muito. Países nórdicos, com sistema capitalista, são países que menos prende; 40 mil presos no Rio Grande do Sul, 3% estão presos por homicídio. Boa parte das prisões são por tráfico (usuários e traficantes). Crimes sexuais quase não há prisão, pois não há investigação, dependendo do perfil da vítima, principalmente se esta for pobre e preta, entra ao esquecimento; nas cadeias uma maneira de melhorar é separar as pessoas por crimes, pelo fato que muitos presos estão juntos independente do seu crime (de menor a maior dano); Noruega a pena máxima é de 17 anos. Noruegueses

acreditam na ressocialização do indivíduo; e no final Rolim finaliza suas falas com o seguinte questionamento: “Qual a proposta do PT sobre políticas de drogas?”

Mariana Gonçalves é a última convidada a se apresentar e ela também segue na mesma linha social que Juliana, ao começar a afirmar que no Brasil a questão da violência tem um alvo: jovem, pobre, negro; ela também cita Djamila Ribeiro trazendo a questão do lugar de fala, dar lugar ao indivíduo se apropriar do seu lugar; 2018 130 anos da abolição da escravidão e 40 anos do movimento negro unificado; possibilidades do movimento negro no Rio Grande do Sul não se pensa da mesma maneira as mortes de pessoas negras, como se pensa no Rio de Janeiro ou São Paulo; produto de colonização foi a marginalização e criminalização do povo negro; a escravidão foi abolida, porém os negros viveram às margens, sem direito à escola, à saúde e segurança. Direitos sociais negados e refletidos até hoje; pós-abolição vem junto com a industrialização e o capitalismo no Brasil. Criando os mitos de democraticamente racial; o racismo se estrutura em todas as esferas da sociedade, não se resolve o racismo resolvendo só a estrutura econômica, mas é preciso ser interligado às outras esferas; concentração de riqueza evidencia a violência urbana.; “Pra quem a lei e a ordem serve?”, tanto na forma positiva ou negativa. Dentro dessa mobilização se cria uma guerra totalmente desproporcional, quem está implementando uma guerra com armas é o braço mais forte, o Estado. Esse Estado precisa garantir o equilíbrio e o desequilíbrio se cria o genocídio; o estado tem responsabilidade com as perdas de vidas; Mariana trouxe a referência de um autor camaronês ao abordar a colonização com o direito de matar. Se garante mesmo sem justificativa legal; o genocídio ele mata aos poucos, desde o momento que deixa de dar assistência na saúde, na educação; o genocídio pressupõe a morte de um coletivo; desafios colocados: trazer a academia para dentro da vila e que o problema não deve ser centralizado apenas em um espaço, mas se articular com a comunidade.

Depois disso, o microfone fica aberto para o público em geral, cujo público está bastante diversificado de crianças à idosos. Neste momento de microfone aberto, percebe-se uma timidez dos moradores do bairro, porém duas pessoas chegam até ele: Sofia Cavedon²⁸ que traz a educação como foco principal dizendo o

²⁸ Professora municipal de Anos iniciais e Educação Física, formada e pós-graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - (1982/1987), dirigente sindical da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Educação e do Sindicato dos Municipários/as de Porto Alegre

quão nova ela é no Brasil, trazendo dados constitucionais em que 1988 a educação passa a ser falada democraticamente no Brasil, de forma constitucional; e a escola foi fundada num sistema meritocrático, onde todos têm o mesmo ensino. Direito à educação é cada um ter o seu tempo de aprendizagem. As cotas rompem com a meritocracia, ruptura da meritocracia.

Depois uma professora, da Escola Estadual Aurora de Azevedo aponta que a escola é a única esfera transformadora. A escola está mais próxima da comunidade, uma relação diária que pode minimizar as diferenças.

Eu quis trazer as falas essenciais da roda de conversa, pois foram falas dos palestrantes convidados, porque para boa parte dos moradores, a violência faz parte da vivência de quem mora no bairro Sarandi - vila Elizabeth.

No momento que um evento como esse acontece justamente no lugar que jovens da periferia morrem, tem um valor simbólico maior, pois é diferente falar sobre essas mortes no centro ou bairros mais nobres.

(1986/1996). Construtora do Projeto Escola Cidadã, nos debates e transformação curricular da Rede Municipal de Ensino no sentido da garantia do direito à educação de qualidade para todos e todas. Foi Secretária adjunta da Educação (1997/2000) e Secretária Municipal da Educação de Porto Alegre (2002/2003). Vereadora da capital no quinto mandato (2000/2020); Presidente da Câmara Municipal de PoA em 2011, presidente da Comissão de Educação Cultura, Esporte e Juventude em vários anos e líder da bancada do PT também em várias ocasiões. Filiada ao Partido dos Trabalhadores desde 1987, compõe os diretórios municipal e estadual, milita na Setorial da Educação, na Cultura e Núcleos Sindicais. Atuante nos Movimentos Sociais de luta pelos direitos da Criança e do Adolescente, moradia popular, inclusão e contra toda forma de discriminação. Feminista, milita pela igualdade de gênero em especial na Educação, constrói a Marcha Mundial das Mulheres. É de sua autoria a lei que criou a Procuradoria Especial da Mulher na Câmara Municipal de Porto Alegre, sendo a primeira Procuradora por dois anos (junho de 2015 a junho de 2017) realizando dois grandes Seminários de Educação e Gênero, além de ouvidorias, fiscalizações e publicação do Caderno das Leis Municipais sobre os Direitos das Mulheres. Fonte: <https://sofiacavedonpt.blogspot.com/>.

Figura 17 - Evento Vila Viva: debates sobre a violência sofrida contra os jovens²⁹.



Fonte: FERRAZ, 2018.

Figura 1814 - Mariana Gonçalves³⁰, Juliana Borges³¹ e Marcos Rolim³².



Fonte: FERRAZ, 2018

²⁹ Disponível em: <http://midianinja.org/news/vila-viva-aula-publica-e-atraco-es-culturais-envolve-a-comunidade-do-bairro-sarandi-em-porto-alegre/>.

³⁰ Ativista do Movimento Negro de Porto Alegre, Socióloga e Mestranda em Ciências Sociais na PUCRS.

³¹ Pesquisadora e autora do livro “O que é encarceramento em massa?”.

³² Escritor, sociólogo e militante dos Direitos Humanos.

5.4 Biblioteca Comunitária Do Arvoredo

"A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as suas folhas".

Johann Goethe

Figura 19 - Logo da biblioteca comunitária do arvoredo.



Fonte: Acervo Redes de Leitura.

A Arvoredo surgiu através da idealização de membros da Sociedade Espírita Beneficente Amor e Caridade (SEBAC) que via neste espaço que estava desocupado uma oportunidade de cultura para a comunidade da Vila Mapa.

Em 2014, a SEBAC entrou em contato com a ONG Cirandar e em 2015 já integrava a Rede de Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre. A biblioteca foi inaugurada em 27 de setembro de 2015.

A Biblioteca Comunitária do Arvoredo é um exemplo do trabalho em grupo e voluntariado, esse trabalho diferenciado se reflete na participação e ampliação do número de atendimentos nos primeiros meses de atividade.

Localizada na Lomba do Pinheiro, mais precisamente na Vila Mapa, a biblioteca está situada dentro da Sociedade Espírita Beneficente Amor e Caridade e tem seu nome devido à imensa área verde que circunda as instalações.

Assim como a Girassol, a Biblioteca faz parte do Redes de Leitura - Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre, a biblioteca começou a receber recursos financeiros graças a aprovação do projeto Itaú Social, a fim de beneficiar as 7 bibliotecas que compõem a Rede no que tange:

- o acervo;

- recursos humanos;
- oficinas;
- seminários.

Porém a biblioteca segue com seus voluntários colaborativos em seu funcionamento.

Um dia na Arvoredo

No dia 6 de outubro de 2018, fui até a Biblioteca Arvoredo participar de uma Formação em Mediação de Leitura com Camila Schoffen (bibliotecária do Redes de Leitura), focando nas mediadoras que fazem parte também da Rede.

Durante o início da manhã fomos debatendo a importância desse eixo a fim de incentivar o hábito e prazer da leitura, em como ler uma história pode aflorar o espírito leitor.

Porém no tempo que eu fazia parte da formação, eu ia observando o movimento da biblioteca. Havia um público diverso de crianças, adultos e idosos. Na sala ao lado estava acontecendo uma aula de recreação do departamento infantojuvenil, algo muito próximo de uma catequese. Assim que acabou a aula, as crianças saíram e foram direto correr no pátio. Algumas crianças ficaram na biblioteca e todas elas pegavam os livros da estante, algumas entregavam para seus familiares lerem e outras ficavam lendo as histórias (tanto as palavras ou só as imagens). As demais crianças corriam livremente no pátio coberto de grama e árvores.

No mesmo espaço, no sofá se encontravam duas senhoras sentadas, lendo seus livros de romance espírita. Elas passaram horas naquele sofá, lendo e descansando, enquanto seus netos ou bisnetos seguiam correndo pelo pátio, todos fantasiados.

Outra coisa que fui observando, que enquanto acontecia a formação, a mediadora da biblioteca só falava para os usuários assinarem no caderno de empréstimo e devolução o livro que estava sendo emprestado ou devolvido. Todos os usuários sabiam preencher e não tinham dúvidas, algo bem autônomo.

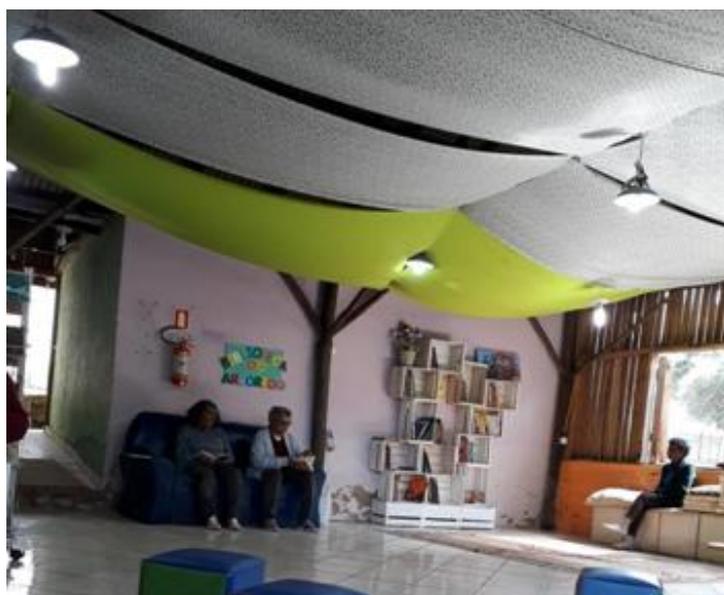
Percebi que durante o tempo que a biblioteca ficou aberta, sempre havia usuários, algumas iam por conta própria, mais boa parte estavam ali por causa das atividades de catequese e pelos encontros de benza da mantenedora SEBAC.

Figura 2015 - Formação em mediação de leitura.



Fonte: Acervo Redes de Leitura, 2018.

Figura 161 - Espaço de leitura da arvoredo.



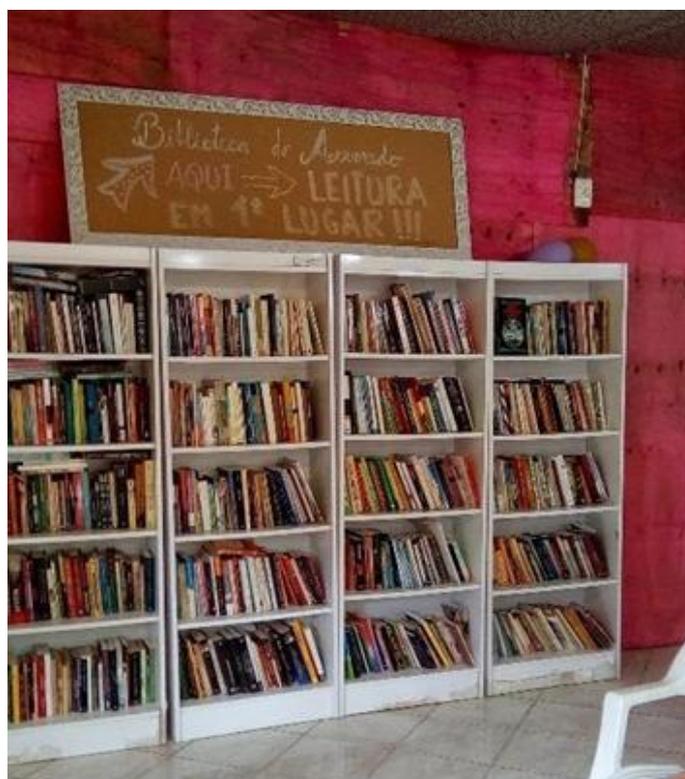
Fonte: Acervo Redes de Leitura, 2018.

Figura 2217 - Membros da formação em mediação de leitura.



Fonte: Acervo Redes de Leitura, 2018.

Figura 23 - Parte do acervo.



Fonte: Acervo Redes de Leitura, 2018.

Figura 24 - Fachada biblioteca arvoredos.



Fonte: Acervo Redes de Leitura, 2018.

6 AS VOZES QUE VEM DA MARGEM - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

*"Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu.
Entre o acontecimento e a narração do fato,
alguma coisa se perde e por isso se acrescenta.
O real vivido e o escrito aprofunda mais o fosso.
Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias,
continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência."*

Conceição Evaristo

A seguir apresento as falas das gestoras das duas bibliotecas visitadas. Eu como atuante da Biblioteca Comunitária Girassol não fiz parte da entrevista, dessa forma as perguntas (Apêndice A) foram direcionadas para Bianka Maduell, gestora junto comigo da Girassol. Na Biblioteca Comunitária Arvoredo, entrevistei Viviane Peixoto, que há três anos coordenada a Biblioteca.

Por já existir um carinho pelas entrevistadas, a entrevista foi mais um momento de troca de experiências, aprendizados e saberes. O ato de ouvi-las foi possível que as perguntas fluíssem e as respostas vieram sem medo e de forma natural.

Seguem as análises a partir das entrevistas realizadas, apoiando-as com o referencial teórico, sem a transcrição literal da entrevista.

Um dia com as entrevistadas

A entrevista se inicia em como as entrevistadas entendem o papel de uma biblioteca comunitária. Viviane Peixoto vê locais ideais que as pessoas podem se expressar, onde se pode trabalhar a literatura literária, fugindo do tradicional e com muitas regras.

Percebe que as pessoas que estão ali se sentem livres, com um maior vínculo humano e que as pessoas podem se expressar, trabalhando a cultura como um todo. Viviane também traz a experiência que muitos usuários depois se tornam parte da biblioteca ao mediar histórias e se tornando mediadores de leitura, definido como aquele indivíduo que facilita a relação entre o leitor e o texto. Destacam-se pais, professores, educadores e bibliotecários. Para Tressino (2017) a concepção da mediação de leitura na biblioteca comunitária tem o objetivo de formação do leitor literário. Utilizando apenas o livro para o momento da mediação da leitura, pois na

biblioteca comunitária o livro é o protagonista e não tem o objetivo de apenas entreter e sim de levar o leitor para o imaginário da história (apud FINGER, 2018).

Figura 18 - Mediação de leitura.



Fonte: Biblioteca comunitária do arvoredo, Facebook, 2017.

Para Bianca Maduell é um ponto de esperança ao reforçar a ausência do Estado que não consegue chegar com as políticas públicas. Castrillon (2011) diz que um país precisa de bibliotecas que possam ir mais além desse plano mínimo de trabalho, se convertendo em meios contra a exclusão social, constituindo em espaços para o encontro, para o debate sobre os temas que dizem respeito a maiorias e minorias; bibliotecas onde crianças, jovens e adultos de todas as condições, independente de sua escolaridade encontrem respostas a seus problemas e interesses.

Além de que a Biblioteca Comunitária não funciona só com seus serviços de empréstimo, indo por outras atividades como rodas de conversa, oficinas, aulas, tornando um centro vivo, sempre crescendo, assim já dizia Ranganathan “Uma biblioteca é um organismo em crescimento”.

Trazer debates que dizem respeito aos cidadãos, os debates políticos nas bibliotecas provocam a reflexão, a crítica e o questionamento. Castrillon (2011, p. 36) “Uma formação que permita aos cidadãos agir como tais, capazes de intervir de maneira eficaz nos destinos de sua comunidade, de sua cidade, de seu país.”

Na Biblioteca Comunitária Girassol, os debates são sempre constantes e são vistos como um acesso real e universal à informação.

Figura 19 - Debate sobre a reforma da previdência³³.



Fonte: Coletivo Abrigo, Facebook, 2018.

³³ “No dia 17 de Fevereiro, o Comitê de Resistência formado por alunos da PUC-RS juntamente com o Coletivo Conceito Arte, organizou uma roda de conversa sobre a Reforma da Previdência. O evento teve como objetivo garantir a população da Vila Elizabeth acesso a informação sobre a Seguridade Social, desmentir as mentiras midiáticas vinculadas pelo Governo com o apoio da mídia e apoiar os moradores na resistência pelas seus direitos. Conversa foi mediada pela Ma. Leticia Chimini, doutoranda em Serviço Social da PUC-RS.” Fonte: Facebook Coletivo Abrigo

Figura 20 - Participantes do bate-papo.



Fonte: Coletivo Abrigo, Facebook, 2018.

Em seguida conversamos sobre a ideia e o processo de constituição das bibliotecas que elas atuam, começando pela Girassol.

Na Biblioteca Comunitária Girassol a ideia surgiu pela necessidade que o Coletivo Conceito Arte junto com duas estudantes de Biblioteconomia também moradoras do bairro. Isto vai de encontro ao conceito aplicado pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, complementa por ser um espaço físico criado e mantido por iniciativa da comunidade, sem intervenção do poder público (BRASIL, 2018).

Já na Biblioteca Comunitária do Arvoredo, André e Viviane tinham o sonho de criar um espaço de leitura e escolheram o galpão, antigo CTG da Vila Mapa para se constituir o espaço. Eles conversaram com a Sociedade Espírita “Caridade e Ação”, mantenedora do espaço. Como bem afirmou Machado (2008) algumas bibliotecas comunitárias podem ter vínculo com órgãos governamentais ou podem receber algum apoio de instituições da sociedade civil, no caso da Arvoredo, recebe apoio da Sociedade Espírita Beneficente Amor e Caridade (SECAC).

Entretanto os dois relatos se estabelecem com aquilo que já foi descrito na seção 2 “As bibliotecas comunitárias” (p. 19), quando o Estado deixa de garantir a leitura e principalmente a leitura literária como um direito de todos, a biblioteca

comunitária nasce pelo desejo de alguém ou de uma instituição que entende que a leitura e a escrita podem proporcionar conhecimentos importantes (CANÔNICA, 2016).

Sobre como o espaço trabalha a identidade cultural da comunidade, Viviane Peixoto procura sempre usar a literatura como um reforço da identidade do indivíduo, trabalhando a memória do bairro, na relação do indivíduo com o grupo/coletivo. Isso porque o bairro Lomba do Pinheiro abriga algumas aldeias indígenas (Guaranis e Kaingangues), como também já existiram quilombos pelos arredores. Este reforço de identidade vai de encontro com Ferreira (2006) buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, na força da representação, no ato comunicativo e comunitário, a fim de resgatar e reforçar é fundamental para encontrar-se a si mesmo e recuperar um equilíbrio. Um ato conflitivo, porque significa incorporar novos valores àqueles tradicionais, porém se percebe que essa renovação, enriquece a identidade cultural da comunidade, atestando o caráter na construção da cultura.

Para Gondar (2016) forma de pensar as identidades para além das fronteiras que as preservam, o descentralizar da cultura, das artes e da leitura é a maneira de fortalecer a cultura existente no bairro, na busca das diversas linguagens, sempre de encontro assim como as raízes de uma árvore. Tal afirmação vai de encontro com Glissant (2005, p. 71) quando diz que a identidade rizoma tem a relação com outras raízes, a fim de fortalecer a memória social do espaço.

Bianka Maduell acredita que seja se inserindo em um espaço onde se desenvolvem diversos tipos de linguagem (arte - grafite, música - *hip hop* e livros). Como o espaço tem seu público majoritariamente adeptos da cultura de rua, Santos (2017, p. 92) atividades organizadas pelo movimento *hip hop*, constitui-se em práticas educativas e na formação de seres humanos conscientes de sua identidade e necessidade de melhorias das condições de vida da população de periferia quando o espaço oferece um lugar que todos possam partilhar seus conhecimentos, por meio da escutatória.

Ambas respostas vão ao encontro com a ideia de que a identificação que é sempre construída a partir de algum reconhecimento comum característico, partilhados com grupos ou pessoas. Hall (2000) é a tentativa de rearticular a relação

entre os sujeitos com suas identidades deslocadas e práticas discursivas relacionando-os ao seu espaço.

Esta identificação é entendida na relação das diferentes linguagens e importância dentro da leitura e literatura. Bianka enxerga que a comunidade aceita as diversas formas de expressões culturais (teatro, saraus, bate-papos), para ela basta dar a oportunidade que as pessoas que moram na periferia participam e se interessam pelas atividades culturais, independente da sua forma, pois para elas tem um significado um espaço cultural próximo de suas casas. Da mesma forma, Viviane também diz que a comunidade aceita de tudo e que adoram os eventos pontuais que acontecem (oficina de origami, danças da cultura popular brasileira até os ensaios de música clássica em parceria com a orquestra Villa Lobos, ações que potencializam a cultura da comunidade e na comunidade).

Cândido (1995) abrange a luta para que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. Inclusive ele aborda o direito entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação, como se do ponto de vista cultural fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CÂNDIDO, 1995, p. 33).

Esta pergunta já se torna um gancho para a seguinte questão, pelo fato de que a leitura em junção com a escrita se tornam fatores importantes de resistência, afirmando como um ato revolucionário. Quem escreve e lê aquilo que é escrito tá se posicionando num mundo em crise econômica e institucional. Por isso a leitura é importante, isso é o direito humano à leitura, a possibilidade de existir e projetar (ALMEIDA, 2018).

Manifestando enquanto espaço de resistência, Bianka aborda muito a questão da resistência cultural que existe no espaço da Girassol e a importância dela estar inserida no coletivo Conceito Arte, porque esta inserção criam atividades de manifesto, onde o público grita contra a elitização da cultura, trazendo o direito que ela é de todos os povos que constituem uma sociedade, trazendo também o protagonismo da periferia. Oliveira (2008) destaca que a periferia quer destacar aquilo que é seu, a sua representação, pelas marcações do que é próprio da relação com o lugar, com o corpo e com a linguagem, com o objetivo de realizar a inclusão

social de parcelas significativas, capaz de fomentar a transgressão e renovação, fazendo com que os moradores da periferia tomem para si o desafio de reconhecer e valorizar seu patrimônio, ainda que ele não esteja dentro das redes de significação social, da mídia e do mercado (OLIVEIRA, 2008, p. 118).

Viviane também diz que a resistência vem por ser um espaço livre, fugindo da formalidade e as pessoas que frequentam se sentem parte do lugar que estão, porque se manifesta o afeto e a escutatória, para muitos usuários a biblioteca se torna um lugar de fala. Santos (2017) afirma que a periferia no momento que foge da formalidade, quando o espaço oferece um lugar que todos possam partilhar seus conhecimentos, é possível praticar a escutatória.

Por isso, as bibliotecas comunitárias se constituem enquanto espaços de resistência, pois já são por si só, no momento que elas estão às margens do poder público. E no momento que a comunidade se apropria do espaço e das atividades, se reforça as identidades de quem vive na periferia.

7 O APRENDIZADO DAS PARTILHAS

*"Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar."*

Eduardo Galeano

A partir de 2016 eu comecei a me envolver com as bibliotecas comunitárias e antes o que era mais voltado a prática, durante este estudo tive a oportunidade de teorizar meu envolvimento durante esses dois anos.

Desde então, eu fui compreendendo que a luta em favor da leitura e literatura como direito humano, teoria sempre tão defendida por Antonio Cândido, fazia sentido nas bibliotecas comunitárias, locais de afeto, onde é possível falar sobre a cultura de forma geral, reacendendo a identidade dos moradores que estão nesses bairros periféricos, um lugar que é possível encontrar a utopia que Eduardo Galeano tanto falava.

Sabemos que o acesso à cultura não é igual para todos, vivemos dentro de uma sociedade com desigualdades sociais, onde se prega que todos devem ter saúde e moradia, entretanto acha-se estranho a filha da faxineira ter o mesmo acesso cultural da filha da patroa, questionando o direito humano à leitura, literatura, cultura e artes.

Durante as vivências que tive no ano de 2018 nesta pesquisa, consegui analisar a existência das bibliotecas comunitárias enquanto espaços de resistência e de fortalecimento da identidade cultural periférica, através dos conceitos que li sobre biblioteca comunitária, identidade cultural e espaços de resistência, temas que estão interligados entre si.

Tratar de identidade cultural é abordar a resistência, memória e representatividade, da mesma forma que trazer a literatura científica das bibliotecas comunitárias é enxergar a existência desses ambientes como espaços que resistem ao descaso do poder público e da sociedade civil quando menosprezam a cultura popular ou periférica, culturas que transformam os sujeitos. Pelas atividades propostas pelas duas bibliotecas comunitárias em suas comunidades em Porto Alegre, percebi o quanto elas são autônomas e que as periferias são locais vivos no seu contexto social, cada uma única. E também que as ações culturais sempre trabalham no fortalecimento da identidade daqueles que vivem nestas regiões.

Trazer a literatura periférica/marginal, literatura indígena e negra, afirmam que as bibliotecas comunitárias são guardiãs das memórias de uma comunidade, revigorando a sua identidade cultural.

Isso tudo fez com que eu percebesse que as bibliotecas comunitárias são espaços de resistência por si só, pois a periferia sempre esteve excluída do que é dito por "centro", existir e resistir na periferia já faz com que as bibliotecas comunitárias sejam resistência. Embora, para que elas sigam sendo referência, estes espaços precisam continuar potencializando o interesse e o gosto pela leitura, que não seja concebida apenas como uma forma de passar o tempo ou como obrigação, mas como algo importante, uma arma de defesa à sobrevivência cotidiana na busca de nossos direitos.

Assim, tendo em vista que as bibliotecas comunitárias estão nas periferias, em lugares em que a população não é valorizada como culturalmente rica, os leitores, através da literatura, conseguem se reconhecer enquanto protagonistas de sua história, exemplo observado na Biblioteca Comunitária Girassol, mediante ao acesso à literatura periférica/marginal e pelos bate-papos, ambas ações que reforçam a identidade cultural. A simbologia da literatura liberta o leitor que estava adormecido há tanto tempo e que não enxergava a leitura como um direito humano e os bate-papos trazem temáticas que dão vozes aos moradores, trazendo o protagonismo destas pessoas.

Ou no caso da Biblioteca Comunitária do Arvoredo que sempre trouxe a literatura indígena nas suas mediações de leitura, pois percebe que o bairro Lomba do Pinheiro concentra e preserva costumes e aldeias indígenas³⁴ existentes naquela área. Também a biblioteca dá espaço ao público idoso, pessoas que estão com sua autoestima e saúde fragilizadas, porém pelas atividades como: clube de leitura e oficinas de artes e dança, a biblioteca oportuniza de dar voz a estas pessoas, exercitando a escutatória.

Sendo assim, é na biblioteca comunitária que acontece o reconhecimento da própria cultura local e fortalecimento da autoestima. Entendendo estes locais como um espaço físico em que ocorre o reconhecimento e a valorização da cultura, um ambiente que auxilia no resgate, reforço e apropriação da identidade cultural.

³⁴ CORREIO DO POVO (Rio Grande do Sul). **Aldeia indígena na Lomba do Pinheiro reúne 16 famílias**. 2017. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2017/4/615502/Aldeia-indigena-na-Lomba-do-Pinheiro-reune-16-familias>. Acesso em: 30 nov. 2018.

As leituras que fiz durante este ano permitiram que eu percebesse que o reconhecimento identitário é necessário para todos os sujeitos, pois por meio dele nos tornamos capazes de identificar nossa história e memória, visando a cultura como uma forma de segurança.

É assim que finalizo essa pesquisa, um estudo em que acreditei desde o início, onde quis levar os meus aprendizados da academia para a periferia, acreditando sempre que estes dois ambientes podem andar de forma simultânea, do mesmo jeito que as diversas culturas e literaturas. Considero assim, com minhas palavras, minha própria "conclusão" através das leituras de Stuart Hall, Silvia Castrillón, Antonio Cândido e Elisa Machado, parceiros essenciais que me ajudaram a perceber que as bibliotecas comunitárias são resistência e sempre serão, enquanto vivermos numa sociedade desigual economicamente, socialmente e culturalmente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina : Editora UEL, 1997.

ANDRADE, Rafael; MACIEL, Hugo. **Sistematização em rede**: memórias, experiências e a construção coletiva do conhecimento. 2018. Disponível em: <http://biblioo.info/sistematizacao-em-rede-memorias-experiencias-e-a-construcao-coletiva-do-conhecimento/>. Acesso em: 01 set. 2018.

BIBLIOTECAS comunitárias se concentram nas periferias do país. **Biblioo cultura informativo**, 12 nov. 2018. Disponível em: http://biblioo.info/bibliotecas-comunitarias-se-concentram-nas-periferias-do-pais-mostra-pesquisa/?fbclid=IwAR1A5jS_0bg5sBGwxtoJPEJB4vtgylJ3bKw9ID7fuo9_hs9jNhorq7TFNS4. Acesso em: 15 nov. 2018.

BORTOLIN, Sueli. **O mediador de leitura**. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Cultura. Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (Org.). **Tipos de bibliotecas**. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

CANÔNICA, Volnei. **Bibliotecas Comunitárias ou Bibliotecas instaladas nas comunidades?** 2016. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2016/08/10/bibliotecas-comunitarias-ou-bibliotecas-instaladas-nas-comunidades>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARVAJAL PÉREZ, Francisco; RAMOS GARCIA, Joaquín. A alfabetização como meio de recriar a cultura. In: PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCIA, Joaquín Ramos. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?**: Aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 50.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011. 100p.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, Santa Cruz, v. 15, n. 27, p. 193-212, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/viewFile/1126/1005>. Acesso em: 26 nov. 2018.

FERREIRA, M. N. **Comunicação, resistência e cidadania**: as festas populares. *Comunicação & Informação*, v. 9, n. 1, p. 111-117, 2006. DOI: 10.5216/c&i.v9i1.22807.

FINGER, Yasmin Wink. **Formação de leitores e bibliotecas comunitárias**: um olhar à práxis emancipatória. 2018. 101 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182020>. Acesso em: 15 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. **Revista Morpheus: estudos interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. Edição especial. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf. Acesso em: 15 nov. 2018

GUEDES, Roger de Miranda. Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação. In: MOURA, Maria Aparecida. **Cultura informacional e liderança comunitária**: concepções e práticas. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2011. p. 74-78. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/00_Cultura%20informacional_integra_ebook.pdf. Acesso em: 15 maio 2018.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 22, n. 2, p.201-209, maio/ago. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722006000200010>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>. Acesso em: 15 maio 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Laparina, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Tomaz Tadeu da Silva (Org), Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

INSTITUTO C&A (Brasil) (Org.). **Prazer em ler**: dez anos de fomento à leitura literária. Barueri: Instituto C&a, 2016.

MACHADO, Elisa. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p.80-94, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1976/2097>. Acesso em: 10 maio 2018.

MAYER, Bel Santos. **Bibliotecas comunitárias**: resistência cultural, poética e política. 2017. Disponível em: <http://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Bibliotecas-comunitarias-resistencia-cultural-poetica-e-politica>. Acesso em: 10 maio 2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **Literatura marginal**: os escritores de periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVERIA, I.; MOREIRA, F. **Mediações entre periferia, cultura e terceiro setor**. Comunicação & Informação, v. 11, n. 1, p. 115-124, 2008. DOI: 10.5216/c&i.v11i1.7497.

PORTAL DO BIBLIOTECÁRIO. **As 5 leis de Ranganathan**. 2017. Disponível em: <http://portaldobibliotecario.com/biblioteconomia/as-5-leis-de-ranganathan/>. Acesso em: 16 nov. 2018.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Lei nº 11.226, de 5 de março de 2012. Institui o Plano Municipal do Livro e da Leitura (PMLL) no Município de Porto Alegre, cria o Conselho Municipal do Livro e da Leitura (CMLL) e dá outras providências. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/pml/>. Acesso em: 01 de maio 2018.

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. **Sistema de Classificação por cores para democratização do acesso ao livro**. 2017. Disponível em: <https://www.rnbc.org.br/2017/10/sistema-de-classificacao-por-cores-para.html>. Acesso em: 30 ago 2018.

REDES DE LEITURA. **Redes de leitura**: rede de bibliotecas comunitárias de Porto Alegre. 2017. 25 slides. Material apresentado para a semana acadêmica de biblioteconomia da UFRGS..

RIBEIRO, Djamila. **Apropriação cultural é um problema do sistema**. 2016. Disponível em: <http://azmina.com.br/2016/04/apropriacao-cultural-e-um-problema-do-sistema-nao-de-individuos/>. Acesso em: 10 de jun 2018.

SANTOS, Bianca Ramires Acosta dos. Entrevista com Bianca Ramires. [20 de novembro de 2017]. Porto Alegre. Entrevista concedida à Priscila de Queiroz Macedo.

SANTOS, Rosenwerk Estrela. O livro como prática de liberdade e inclusão social: a juventude de periferia e a formação de seres para si no movimento hip-hop. In: FERREIRA, Maria Mary (Org.). **Livro, leitura e bibliotecas em tempos sombrios**. São Luís: Edufma, 2017. p. 85-106.

SIGNIFICADO de identidade. Disponível em: <https://www.significados.com.br/identidade/>. Acesso em: 15 maio 2018.

SILVA, Maurício Pedro da. **Ultrapassando limites, desfazendo fronteiras: a literatura marginal brasileira e suas práticas na contemporaneidade**. 2018. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/ultrapassando-limites-desfazendo-fronteiras-a-literatura-marginal-brasileira-e-suas-praticas-na-contemporaneidade/>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. Cultura: a palavra e as idéias. **Soc. estado.**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 171-178, abr. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922008000100008&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 10 jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922008000100008>.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Estudo de comunidades visando à criação de bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 2, p.17-24, 1988. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/16485>. Acesso em: 15 maio 2018.

XII SEMINÁRIO PRAZER EM LER, 12., 2018, São Paulo. **Bibliotecas Comunitárias na Promoção do Direito Humano à Leitura**. São Paulo: Instituto C&a; RNBC, 2018.

APÊNDICE A - Questões abertas para entrevista com a bibliotecária, gestora ou mediadora de leitura

- 1) *Para você o que é uma biblioteca comunitária?***
- 2) *Como foi a ideia da criação e o processo de constituição da biblioteca comunitária?***
- 3) *O espaço trabalha a identidade cultural da comunidade?***
- 4) *Como entende a relação da comunidade com a leitura e a literatura o lugar das artes gráficas e musicais?***
- 5) *Pode ser um espaço de resistência? Se sim, como se manifesta?***

ANEXO A - Autorização de entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu (nome do(a) entrevistado(a)).....

.....

....., abaixo assinado(a),
autorizo (nome do(a) estudante).....

....., estudante de (nome do curso)....., da
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração
de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
.....

..... e está sendo orientado
por/pela Prof.(a.) Dr.(a.).....

Porto Alegre, de de 20_____ .

Assinatura do entrevistado

ANEXO B - Autorização de entrevista Bianka Maduell


**UFRGS
FABICO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Bianka de Freitas
Biodrzycka Maduell, abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante) Fluxula de Queiroz Macedo, estudante de
(nome do curso) Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
Bibliotecas Comunitárias: agentes de resistência na
periferia e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.) Marlene Maria Giovanaz

Porto Alegre, 27 de novembro de 20 18.

Bianka Maduell
Assinatura do entrevistado

ANEXO C - Autorização de entrevista Viviane Peixoto


**UFRGS
FABICO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Viviane Henrique Peixoto
abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante) Biscila de Góes Maciel, estudante de
(nome do curso) Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
Bibliotecas comunitárias: agentes de resistência
nas periferias e está sendo orientado por/pela Prof.(a)
Dr.(a) Marlise Maria Giovanaz

Porto Alegre, 06 de Outubro de 2018.


Assinatura do entrevistado